

NIKEWA

CIRCUITO CULTURAL



MATHEUS BEZERRA NASCIMENTO

AIKEWA: CIRCUITO CULTURAL – MARABÁ/PA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA POLITÉCNICA
ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADOR: DIOGO ANTÔNIO DA PAIXÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Pontifícia Universidade Católica de Goiás da Escola Politécnica ao curso de Arquitetura e Urbanismo, orientado pelo Professor Diogo Antônio da Paixão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

Goiânia
2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo. Aos meus pais Maria Luiza e José Wilson, que as tuas mãos calejadas vibrem de orgulho e resplandeça a alegria deste dia em tuas faces. Aos meus irmãos, Isabella Bezerra e Isaac Alexandre. Ao meu orientador Diogo Antônio da Paixão pela sua competência, prestatividade e comprometimento em ajudar sempre. Por fim, todos meus amigos e colegas que acompanharam essa trajetória. Hoje, que minhas poucas palavras não representem o quanto eu sou grato, o meu muito obrigado a todos, de coração.



Fonte: Issuu

“Até que desabada pelas águas de muitas cheias, a casa se afogou num silêncio de limo, folhas, telhas. Mas a casa só morreu definitivamente quando ruíram os esteios da memória de meu pai.”

Thiago de Mello

Goiânia
2022

RESUMO

O seguinte objeto de estudo faz uma leitura e percepção da cidade e cultura marabaense e propõe um Centro Cultural e Parque Ambiental em um circuito cultural, realizado em um bairro que de origem passa por problemas ambientais anualmente com alagamentos, dentro disso, a análise da cidade tem total relação com alguns personagens protagonistas na formação da cidade, como ribeirinhos, indígenas, garimpeiros, castanheiros entre outros das comunidades tradicionais. Aikewa significa povo na língua tupi-guarani e a concepção do partido geral é fazer do circuito um refugio verde, transformando as problemáticas ambientais em uma forte ligação cultural com a cidade-natureza

PALAVRAS CHAVE Circuito Cultural - Centro Cultural - Parque Ambiental - Comunidades Tradicionais

ABSTRACT

The following object of study makes a reading and perception of the city and Marabaense culture and proposes a Cultural Center and Environmental Park in a cultural circuit, carried out in a neighborhood that originally experiences environmental problems annually with flooding, within that, the analysis of the city it is fully related to some protagonist characters in the formation of the city, such as riverside dwellers, indigenous people, miners, chestnut gatherers, among others from traditional communities. Aikewa means people in the Tupi-Guarani language and the general party's idea is to make the circuit a green refuge, transforming environmental problems into a strong cultural connection with nature.

KEY WORDS Cultural Circuit - Cultural Center - Environmental Park - Traditional Communities

SUMÁRIO

0 1

INTRODUÇÃO

1.1 Objetivos

0 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Justificativa do Tema

3.2 Cultura e sua importância social

3.3 Relação Cidade-Rio

3.4 Espaços públicos

3.4.1 Parques Urbanos

3.4.2 Centros Culturais

3.4.3 Circuitos Culturais

0 3

MARABÁ: Contexto histórico

4.1.1 Etimologia

4.1.2 Localização

4.1.3 Linha do tempo

4.1.4 Colonizadores

4.1.5 Urbanização do município

0 4

JUSTIFICATIVA DO LUGAR

5.1 Análise da cidade

5.2 Localização do terreno

5.3 Caracterização do entorno do terreno

0 5

ESTUDOS DE CASOS

7.1 Parque Yanweizhou

7.2 Memorial do cerrado

7.3 Centro Cultural - A história que eu conto

0 6

CIRCUITO CULTURAL

0 7

REFERÊNCIAS

Este caderno teórico é um aglomerado de conhecimentos adquiridos na trajetória acadêmica e na interpretação e questionamentos da realidade urbana em Marabá-PA. O estudo do projeto disseminará a memória e preservará a cultura local, através de cenários que quebram padrões discriminatórios e não inclusivos em certos grupos sociais.

2. INTRODUÇÃO

Com a falta de espaço social interativo no município de Marabá, a elaboração de um Circuito Cultural na cidade reforçará memórias e a identidade cultural de alguns personagens que por vezes não são lembrados no curso de sua história, como os indígenas, ribeirinhos, garimpeiros, castanheiros e outros. Um circuito cultural são intervenções culturais sob os olhares da população em termos urbanos, então são questões que envolvem outros campos de conhecimento além da arquitetura, como arte, música, teatro, dança, entre outros.

No CIRCUITO CULTURAL AIKEWA resgatará a utilidade de espaços públicos como elementos de integração e articulação da cidade, com isso terá um parque como refúgio verde que será implantado em uma área com parte alagada, o que faz parte da cultura na região aguardar a enchente eventualmente. A região escolhida tem forte ligação com as margens dos dois rios, existem também patrimônios históricos e culturais no entorno, o que reforça a ligação cultural da cidade com o meio.

A partir disso, o trabalho também terá uma proposta de um centro cultural e de um parque dos patrimônios construídos, o que de maneira geral resultarão no sentimento de pertencimento e uma forte conexão com a natureza.

1.1 Objetivos

- 1- Ver bibliografias e levantar os conceitos apropriados para a compreensão da relação entre as pessoas e a cidade, principalmente com espaços públicos.
- 2- Pesquisar sobre referencias projetuais, afim de analisar suas características e relações com o futuro circuito cultural
- 3- Produzir diagnóstico para a contextualização da área de projeto e seu entorno.
- 4- Estudar a relação dos espaços dentro da escala urbana para o desenvolvimento do circuito cultural na cidade de Marabá-PA para valorização da cultura, baseado na realidade construtiva e sustentável.
- 5- Desenvolver projeto paisagístico específico para essas regiões que acontecem alagamentos.
- 6- Unir dados fotográficos e documentais para verificar as alterações espaciais e entender a percepção da cidade através de entrevistas com moradores para ver o que esperam da cidade no futuro.

Autores	Obra	Campo de concentração	Contribuições
Christopher Alexander	Uma Linguagem de Padrões (2013)	Morfologia Urbana e Análise Visual	Aqui evidenciam a importância sobre as conexões entre escalas de projeto, as conexões entre ruas e diferentes espaços tipos de espaços públicos. Também destacam a importância da identidade , importância da diversidade de escalas, de estímulos visuais, tipologia de senhas e de culturas. Em meio aos projetos a organização do poder público alinhado às necessidades população também é um ponto crucial
Kevin Lynch	A Boa Forma Urbana	Percepção do Meio Ambiente, Análise Visual e Comportamento ambiental	Contribui com a defesa da dimensão da forma no projeto como alternativa às normas dogmáticas que foram postas como universais dos ideais modernos, discute o que faz da cidade uma boa cidade para se viver a partir de dimensões como: vitalidade, senso, congruência, acesso, controle e eficiência e justiça
Gordon Cullen	El Paisaje Urbano (1978)	Análise Visual e Percepção do Meio Ambiente	Este autor discorre sobre a "arte" da paisagem urbana compreendida a partir dos sentimentos e impressões do observador, tal compreensão dá-se através de quadros visuais. A visão vai contribuir para que formemos uma ideia de conjunto. Os caminhos para a apreensão do espaço são baseados na qualidade do contraste, a dinâmica que o contraste confere à cidade e que ao mesmo tempo é intrínseca a ela. Ou seja, diversidade e identidade contribuem para a monotonia ou atratividade dos espaços da cidade
Jan Gehl	La Humanización de Espacio Urbano (2009)	Comportamento Ambiental	Contribuição sobre espaços públicos e como estes mostram-se saudáveis à vida da cidade, mostra a importância da agradación entre espaços público e privados para qualidade e atratividade dos espaços. Argumenta sobre a pedestrianização de certas ruas que contribuem favorecendo as atividades opcionais e sociais em detrimento das atividades necessárias.
Ian Bentley	Entornos Vitales (1999)	Morfologia Urbana e Percepção do Meio Ambiente	O espaço deve responder às necessidades da população (articulação população-espacio) através de sete qualidades ou características que podem revelar-se através do desenho de edifícios e dos espaços públicos exteriores de forma que estes sejam vitais e receptivos. As características são: permeabilidade, variedade, legibilidade, versatilidade, imagem apropriada, riqueza perceptiva e personalização.
Ian McHarg	Design With Nature (1971)	Paisagem Urbana	Neste livro o autor utiliza sobreposição de camadas do espaço como topografia, formação geológica, clima, hidrologia, vegetação, vida animal, uso do solo e etc. Desse possibilitava novas formas de enfrentar os desafios impostos pela relação cidade e natureza, e enfatiza o pensamento sistêmico e minimamente predatório.

Fonte: Vitruvius



Fonte: A rebelião das crianças



Fonte: A rebelião das crianças

Um exemplo de transformação do espaço urbano sob o olhar coletivo em pontos de vistas distintos é o Parque para Brincar e Pensar em São Paulo, o projeto surgiu como consequência da pesquisa “A Rebelião das Crianças”. O projeto tem o intuito de enaltecer as histórias que não são contadas, do dia-a-dia invisível das crianças moradoras de rua e a contraposição aos discursos oficiais que saem na mídia.



Fonte: A rebelião das crianças



Fonte: A rebelião das crianças

3. Temática

3.1 Cultura e a sua importância social

A palavra cultura, segundo José Luiz dos Santos (1997), diz respeito, de modo simples, à humanidade como um todo e ao mesmo tempo às práticas, costumes e vivências de um povo.

Por essa perspectiva, a cultura então não se limita só no campo da literatura, cinema, pintura, arquitetura etc. Mas diz muito sobre o modo de viver da população, sobre memórias passadas, experiências e aprendizados compartilhadas e herdadas, revela nossas origens, nosso modo de falar, de pensar, de agir, de solucionar problemas, de criar, envolve a humanidade e seus costumes como um todo.

3.2 Relação cidade-rio

Segundo (Bacci, 2008), a terra não estaria apropriada hoje para viver sem a existência da água, o hidrogênio e oxigênio se combinam para dar origem a uma das chaves existenciais da vida.

Segundo (Bacci, 2008), a terra não estaria apropriada hoje para viver sem a existência da água, o hidrogênio e oxigênio se combinam para dar origem a uma das chaves existenciais da vida.

O ser humano é inteiramente dependente da água para sua sobrevivência. A história da humanidade nos diz que o homem vive onde há água desde os tempos passados, navegando no rio sob troncos de árvores, ao longo do tempo foram utilizando as canoas como partido de transporte e evoluindo em tecnologias.

“Homens anfíbios” é como são chamados os povos ribeirinhos pela autora Therezinha J.P.Fraxe (FRAXE, 2000), eles têm o rio como sua principal fonte sustento, suas vidas estão hora água, hora terra. Segundo Therezinha a população ribeirinha é formada majoritariamente por descendentes de índios que foram adaptados com outras culturas, grande parte da influência vindo do Nordeste após as grandes secas de 1877 e 1880 e pela ilusão do enriquecimento rápido com a exploração do látex da seringueira. A cultura ribeirinha nos mostra conduta e hábitos da junção de duas principais culturas: a nordestina e indígena. Comumente, os ribeirinhos constroem um modo de vida ao possuírem conhecimento sobre a biodiversidade da região, que são transferidos de geração para geração por via oral, usam meios naturais como tecnologias e técnicas simples, mas adaptadas para diminuir os impactos ambientais.



A City Island fica em Madrid, é um espaço público de caráter temporário, que ocupou um local vago de uma piscina popular na praça de La Cebada. O espaço é um exemplo da busca do homem com a natureza, mostrando interatividade social e o contato com recursos naturais, sendo um espaço animado, que as pessoas desfrutam da boa sensação térmica.



Fonte: Site Issu - Ver-a-Cidade-marabá



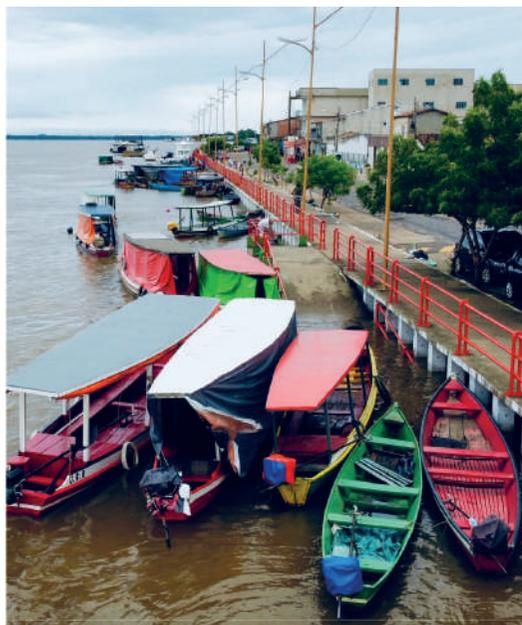
Fonte: Site Issu - Ver-a-Cidade-



Fonte: Adenilson Ferreira



Fonte: Magno Barros



Fonte: Magno Barros

Os rios Tocantins e Itacaiúnas foram importantes na formação de Marabá, onde originalmente ocorreu os processos migratórios decisivos para a configuração territorial, até 1960 o tecido urbano da Amazônia possuía características predominantemente ribeirinha, após o transporte rodoviário assumiu uma reestruturação do território amazônico em relação ao hidroviário. Por esse lado, essa negação do rio não compreende o que seja uma das principais cidades da Amazônia Oriental, em Marabá a ligação entre os homens com a natureza, especialmente com o rio, demonstra em seu desenho urbano as relações de vivência e sobrevivência em espaços como os da orla fluvial.

As cidades ditas como ribeirinhas não se definem assim pela localização às margens dos rios, mas sim pela forte ligação não material e simbólica com o rio, que são geralmente expressadas pela população com o seu modo de vida, seja de caráter: funcional (circulação), subsistência material (recursos), lúdico (entretenimento e lazer) e simbólico-cultural (representatividade e imaginário social).

Em Marabá, a área predominante de vivência ribeirinha ocorre às margens da orla Sebastião Miranda no núcleo Marabá Pioneira, e segundo Trindade JR, Santos e Ravena (2005), a Orla diz respeito a relação entre a terra e água como um sistema articulando ações históricas/culturais. A relação da cidade-rio tem uma diversidade de usos, o exemplo da obtenção de recursos, como o peixe, a própria água usada para tomar banho e beber, o lazer e a contemplação da paisagem como no caminhar de fim de tarde, banhos de rios e o entretenimento das casas de shows, restaurantes, bares etc. Portanto, a relação cidade-rio em Marabá revela as características de uma sociedade heterogênea, onde as diferenças são visíveis

3.3 Espaços públicos

Sabemos que os espaços públicos deveriam, além de serem espaços livres sem fins lucrativos, serem acessíveis e agradáveis, mas na realidade não é isso que vemos Dentro dessa discussão o quadro a seguir apresenta debates de âmbito internacional sobre os espaços públicos, que diz respeito ao modo de vida das pessoas, o que contribuirá para uma análise futura dos espaços públicos na cidade de Marabá.

3.3.1 Parques Urbanos

Há diversas funções dentro de um parque. Dentro dele pode ser inserido equipamentos públicos, espaços culturais e atividades esportivas para atrair a população. Segundo os autores Macedo e Sakata (2003), o privilégio de ter essas áreas verdes como parque pode nos dar dois propósitos: ar mais saudável na cidade e os visuais que servem como terapia. Os parques são áreas de lazer da população, atualmente os parques não são somente áreas de contemplação como era antigamente, ao passar dos anos foi surgindo novas funções e atribuições.

Desta maneira, independentemente do tipo de parque, a presença de vegetação leva efeitos positivos para o espaço urbano, diferenciando os parques das demais áreas livres da cidade, como os jardins e praças. Geralmente os parques estão ligados a um conjunto de equipamentos de caráter cultural, como museus e centros culturais, sendo assim considerados um refúgio verde no meio à vida urbana. Nesse objeto de estudo será implantado a elaboração de um equipamento de caráter cultural na área de beira-rio.

3.3.2 Centros Culturais

Em uma escala mais arquitetônica, um Centro Cultural tem objetivo em informar, estimular a criação e reflexão, promover a interação social com todo tipo de público. Em um Centro Cultural é oferecido oficinas, cursos, apresentações, lazer e cultura de modo geral. Segundo Milanesi (2003, p. 199), a recepção de um Centro Cultural é o lugar de atratividade principal, se o acolhimento for positivo o ambiente se torna mais humano porque a cultura é feita de relações humanas e inicialmente é feita pela porta de entrada. Praticamente todo espaço cultural tem também por objetivo preservar as memórias de um povo, seja através de seus costumes, modo de viver, etc.

3.3.3 Centros Culturais

O processo de realização de um circuito cultural é o espaço onde a sensibilidade circula, é a ligação entre os espaços culturais existentes, por vezes é um mergulho na história, a preservação da identidade cultural

3.4 Justificativa do tema/temática

Em termos de cultura e espacialidade, Marabá pode ser comparada às grandes cidades, onde encontra-se diversas culturas do Brasil e do mundo, expressadas no seu modo de vida, festas, arte, etc. Além da riqueza cultural e história, a ausência do planejamento urbano e de políticas públicas eficientes, oriundo desde sua origem, reflete em boa parte da população, que com menos recursos passaram a viver nas margens dos rios de forma insegura. Nessas regiões em épocas de cheias às margens do rio Tocantins e Itacaiúnas acontece um processo chamado transumância, que são as transferências temporárias das pessoas em épocas de cheias por constrangimento ambiental ou por questões de poder econômico.

Apesar de estar relacionado a uma questão cultural pelo modo de vida dessa população ribeirinha, alguns problemas dizem respeito a uma nova força de trabalho urbano, só que Marabá é reconhecida pela resiliência dos moradores em persistir em conviver com as cheias e sempre voltar para seu lugar de origem à beira rio, isso mostra respeito ao rio e ao local que estão inseridos, que em sua maioria é o que lhes dão sustento. As áreas de interesse ambiental na cidade estão sem uso e vem sendo foco de ocupações nos períodos em que não acontecem as enchentes, com base nisso, a proposta é dar uso para uma parte dessa região e integrar a sociedade com a natureza, preservando a cultura local.

O objetivo é enxergar as pessoas que fizeram e ainda fazem muito pela cidade, mas que são poucos vistos, esse conjunto de personagens que passaram na história de Marabá são símbolos de resistência e força, pois até hoje se adaptam com o seu meio sem reclamar de suas condições atuais. Sabemos que com a globalização, todas as características locais são apagadas ao passar do tempo, onde estabelecem um padrão de vida. Surge assim a necessidade de estudar um planejamento e intervenções para enaltecer a diversidade social de grupos invisíveis pela padronização, o intuito é justamente preservar a identidade cultural de personagens de comunidades tradicionais responsáveis diretamente pela formação da cidade, como os indígenas, ribeirinhos, garimpeiros, castanheiros e outros que contribuíram para representar o sentimento de pertencimento de ser marabaense.

0 4 -

"A história de Marabá é a história de nossos pais, avós, é a história do mais humilde castanheiro, do pescador, do carregador do cais, da mulher que quebra o coco babaçu ou pila o arroz, do lavrador que luta na terra, do garimpeiro, do piloto, do comerciante, do marinho, do motorista, do professor, do carpinteiro, da lavadeira da beira do Tocantins...foram eles que, em sua luta diária, tentaram tornar esta terra melhor para todos. Eles são tão importantes quanto os grandes proprietários, os chefes políticos, os líderes que tem seus nomes gravados nas placas das ruas e dos monumentos."

Maria Virgínia Bastos de Mattos



Fonte:

CONTEXTO HISTÓRICO

4.1.2 Localização

Marabá fica localizada ao sudeste do estado do Pará, ao norte do país, tem como referência o encontro de dois rios Tocantins e Itacaiúnas, esse encontro tem formato de “y” em vista aérea, mas o formato do município inteiro tem formato de península.

A cidade é formada por cinco núcleos urbanos interligados por rodovias: Velha Marabá está situada na beira rio, Cidade Nova, está situada onde fica o aeroporto, Nova Marabá é o bairro mais planejado, onde cada bairro recebe o nome de folhas, depois tem os núcleos São Felix I e II, mais distantes do centro, ficam depois que atravessa sobre a ponte o rio Tocantins, também tem o núcleo Morada Nova, há 20 km dos núcleos de centro.

Por um longo tempo, Marabá se desenvolveu através da extração vegetal, mas a aceleração desse processo surgiu com o descobrimento da Província Mineral de Carajás, se tornando grande vocação industrial, agrícola e comercial. Hoje o município é um grande entroncamento logístico, ou seja, faz parte de grande processo de transporte e armazenamento de matérias-primas e mercadorias, isso é possível porque a cidade tem acessos acessíveis, pois está interligada em outras regiões por modais terrestres (BR-222, BR-230 e PA-150 e por ferrovias), fluviais (Porto) e aéreo (Aeroporto João Corrêa da Rocha)

4.1.3 Linha do tempo - Datas importantes da história de Marabá (1590 - 2003)

1590

Navegantes aventureiros de barco pelos rios Tocantins e Itacaiúnas, passaram pela região, mas não permaneceram ali, eram de origem europeia.

1826

Foi descoberta a riqueza em caucho, assim dando início a exploração.

1913

Francisco Coelho montou um barracão comercial, dando o nome de Marabá, inspirado no poema de Gonçalves Dias, assim surgiu o início da cidade.

1923

Marabá finalmente foi reconhecida oficialmente como cidade.

1926

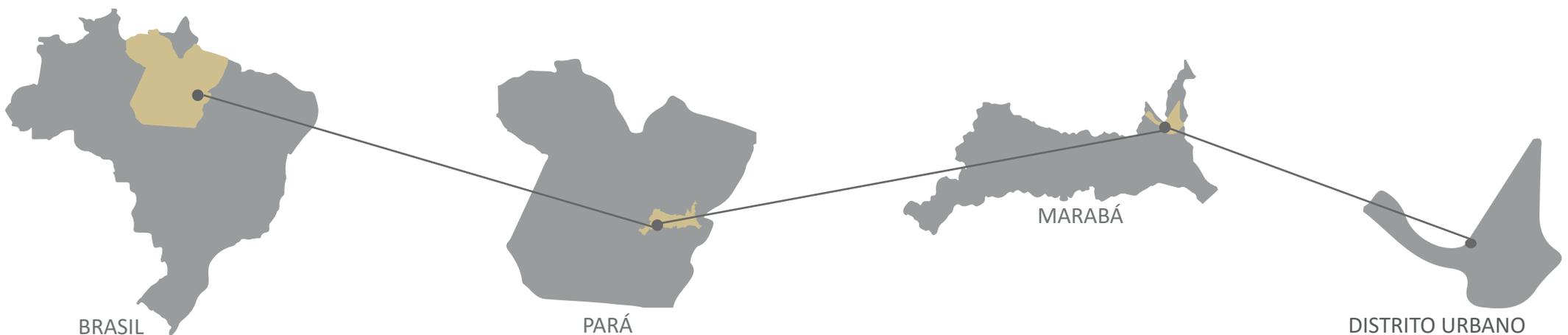
Primeira enchente na cidade, toda a região construída no bairro Marabá Pioneira ficou submersa, só que depois decidiram reconstruí-la.

1937

Início do garimpo de diamantes na área.

2003

As obras nas margens da orla do rio Tocantins foram inauguradas.



Eu vivo sozinha; ninguém me procura!
 Acaso feita
 Não sou de Tupá?

Se algum dentre os homens de mim não se esconde,
 — Tu és, me responde,
 — Tu és Marabá!

— Meus olhos são garços, são cor das safiras,
 — Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;
 — Imitam as nuvens de um céu anilado,
 — As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:
 "Teus olhos são garços,
 Responde anojado; "mas és Marabá:
 "Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
 "Uns olhos fulgentes,
 "Bem pretos, retintos, não cor d'anajá!"
 — É alvo meu rosto da alvura dos lírios,
 — Da cor das areias batidas do mar;
 — As aves mais brancas, as conchas mais puras
 — Não têm mais alvura, não têm mais brilhar. —
 Se ainda me escuta meus agros delírios:
 "És alva de lírios",
 Sorrindo responde; "mas és Marabá:
 "Quero antes um rosto de jambo corado,
 "Um rosto crestado
 "Do sol do deserto, não flor de cajá."
 — Meu colo de leve se encurva engraçado,
 — Como hástrea pendente do cactus em flor;
 — Mimosa, indolente, resvalo no prado,
 — Como um soluçado suspiro de amor! —
 "Eu amo a estatura flexível, ligeira,
 "Qual duma palmeira,
 Então me responde; "tu és Marabá:
 "Quero antes o colo da ema orgulhosa,
 "Que pisa vaidosa,
 "Que as flóreas campinas governam, onde está."
 — Meus loiros cabelos em ondas se anelam,
 — O oiro mais puro não tem seu fulgor;
 — As brisas nos bosques de os ver se enamoram,
 — De os ver tão formosos como um beija-flor!
 Mas eles respondem: "Teus longos cabelos,
 "São loiros, são belos,
 "Mas são anelados; tu és Marabá:
 "Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,
 "Cabelos compridos,
 "Não cor d'oiro fino, nem cor d'anajá."
 E as doces palavras que eu tinha cá dentro
 A quem nas direi?
 O ramo d'acácia na frente de um homem
 Jamais cingirei:
 Jamais um guerreiro da minha arazóia
 Me desprenderá:
 Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
 Que sou Marabá!

Gonçalves Dias

4.1 Contexto histórico

4.1.1 Etimologia

O nome "Marabá" é de origem indígena Tupi-Guarani, mayr- -abá que significa filho do branco com a índia ou ainda, ou filho da mistura. O município antes de receber esse nome, era como um grande barracão ou armazém, ponto obrigatório dos caucheiros que desciam e subiam o rio. Nesse meio, estava o comerciante Francisco Coelho, que comprava o caucho já coletado, copaíba, andiroba, frutos da mata, caças diversas e nos fundos do barracão mantinha um cabaré, com venda de bebidas e shows com mulheres.

O nome que Francisco Coelho escolheu surgiu de inspiração do Poema do escritor Gonçalves Dias, chamado Marabá. Mas somente em 1904 é movida com esse nome, somente nessa época que esta denominação aparece em um documento oficial. Desde sua origem o município tem como característica sua grande miscigenação de pessoas e culturas, é popularmente conhecida como Terra da Castanha, Cidade Poema e Capital do Carajás entre outros apelidos.



Fonte: Magno Barros

TERRA DA CASTANHA
 CAPITAL DO CARAJÁS
 FILHO DA MISTURA
 MAYR-ABÁ
 CIDADE POEMA



4.1.4 Colonizadores

Comunidades tradicionais: Primeiros habitantes

A região amazônica possui uma diversidade étnico-cultural (quilombolas, indígenas, ribeirinhos, caboclos, seringueiros, entre outros) herdadas do período de colonização e miscigenação. Dentre essas comunidades tradicionais, destacaram os personagens simples mas que fizeram parte da resistência cultural e da consolidação de Marabá e que até hoje permanecem na região: caucheiros ou extratores, indígenas, ribeirinhos e garimpeiros.

Caucheiro ou Extrator

Os caucheiros ou extratores eram na maioria das vezes aventureiros, navegantes pelo rio, no começo da extração, não havia regras, as terras não existiam dono, mas com o crescimento das vendas e valorização do caucho e castanha, quem tinha mais poder aquisitivo começou a contratar extratores. Esse mesmo padrão dava um adiantamento financeiro e em mercadorias a crédito para o extrator manter sua família, sistema de aviamento como era chamado, mas no final da “conta” esse indivíduo não tinha o mínimo, havia casos de alguns fugir com o adiantamento antes mesmo de começar a safra, era um regime selvagem, não havendo compromisso nem respeito de parte a parte. Esses navegantes entravam na mata geralmente quando começava o inverno, quando era possível navegar nas cheias, pois o maior canal de transporte desses recursos era por meio fluvial.



Fonte:



Fonte:

Indígenas

Marabá foi povoada somente por indígenas até fins do século passado. Até hoje muitas pessoas acham que os indígenas constituem um só povo com uma única língua e cultura, sendo taxados como pessoas do passado, ignorando parte da história e que só na região sudeste do Pará, há 28 povos que vivem lá, distribuídos em 46 aldeias e totalizando 4.300 pessoas. Não existem números exatos sobre a quantidade de indígenas antes da chegada dos chamados civilizados, mas historiadores e arqueólogos indicam o número de aldeias e pessoas antigamente eram maiores que o de hoje. Houve uma diminuição muito rápida dos povos indígenas, um extermínio em massa, existiu vários fatores para tal redução: doenças trazidas pelos brancos, trabalho escravo, assassinato de povos que viviam em regiões de interesse para o explorador e aventureiro branco (castanhais, seringueiros, minério). É claro que esse contato inicialmente de usar a força o trabalho do índio, de maneira forçada, não permitiu qualquer observação das diferentes culturas e línguas nativas. Nesse período sobreviviam somente aqueles que penetravam nas matas, seguindo o curso dos rios, para regiões mais difíceis de adentrar. Mas com a descoberta do caucho, os exploradores acabavam entrando na mata, o que retomou novamente os conflitos. Os indígenas que sobreviveram são testemunhas de uma história de dor, morte e resistência.



Fonte:

Ribeirinhos

O espaço dos ribeirinhos é como um livro escrito com palavras difusas e complexas, é sobre o direito da diferença e criação, indo contrário a repetição que a maioria das cidades estão sujeitas. Diante dessa complexidade, é visto que as políticas públicas são voltadas para o embelezamento paisagístico para o turismo, comércios e serviços, com isso os espaços de maiores ligações ribeirinhas gritam silenciosamente.

A relação cidade-rio desses espaços ribeirinhos são vistos por muitos como menor importância social, mas podem ter outra interpretação do que realmente é os valores urbanos de natureza amazônica, com potencial de criação, encontros, tradições e de manifestações culturais diversas.

Esse povo que reside às margens dos rios, muitos deles levam sustento pra casa através da pesca e de outros recursos naturais. Muitos desses conhecimentos aprendidos e herdados por gerações passadas de indígenas que moravam nessas áreas na época pré-colonial. Com muita resistência, os povos ribeirinhos mantêm até hoje a identidade cultural de seus antepassados, como maneiras socioeconômicas ligadas a natureza, religiosa na sua visão de mundo própria e social na sua forma independente de ser. O estilo de vida dos ribeirinhos tem um cotidiano influenciado pelos rios, indo contrário aos ideais da sociedade moderna e globalizada.

“quem conhece a riqueza e os segredos da floresta e rios, sobrevive com menos de um salário mínimo mensal, resiste às diversas formas de violência, produz num solo frágil e quase sem nenhum apoio público, certamente tem muito a dizer” (MARCQUES, 2019, p. 283).



Fonte:



Fonte:

Garimpeiros

Teve um início de exploração em Goiás, depois às margens dos Rios Tocantins e Araguaia, que existiu uma intensa busca de ouro e diamantes até a chegada em Marabá. Nesse período cerca de 10% do que era produzido no Brasil, era vindo de Marabá. O garimpo de certa forma salvou Marabá de uma crise financeira no período da segunda guerra mundial, quando ocorreu a crise da castanha. Esse período de grande demanda, Marabá viveu o ciclo do ouro com o ápice da Serra Pelada, pela sua influência de localização na maior jazida do metal precioso já descoberta, Marabá ficou conhecida mundialmente como oportunidade de riqueza.



Fonte:

4.1.5 Urbanização do município

Marabá é um exemplo da complexidade de urbanidade da Amazônia, é um modelo de cidade onde coexistem elementos do novo e do antigo. A urbanização histórica de Marabá tem haver com seus ciclos de crescimento econômico, do ciclo do ouro, castanha, borracha, diamante, agropecuária, ferro, indústrias, e outros menos expressivos economicamente, dividimos o crescimento do município em 4 fases.

1ª Fase (1913-1920): É considerada como a primeira fase de alteração no tecido urbano porque houve grande migração para a cidade com propósitos de extração de látex para produção da borracha, o que logo, logo mudaria o seu ciclo econômico para a castanha.



Fonte:



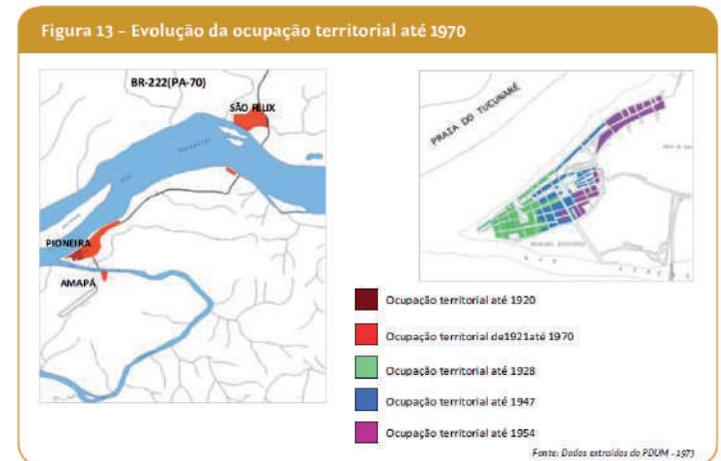
Fonte:



Fonte:

2ª Fase (1920-1970): No período que foi conhecido como ciclo da castanha, ocorreu em 1926 a primeira enchente no município, o que fez com que Marabá fosse requalificado e reconstruído em termos urbanos. Esse processo marca a concordância com as questões ambientais, sobre as enchentes anuais. Inicialmente o crescimento econômico e político da cidade não refletiram em transformações significativas na urbanização do espaço, segundo Patemostro (1945) em suas narrativas de viagem, Marabá possuía um cenário com palhoças e casebres improvisados, onde os moradores sobreviviam com a venda da força de trabalho.

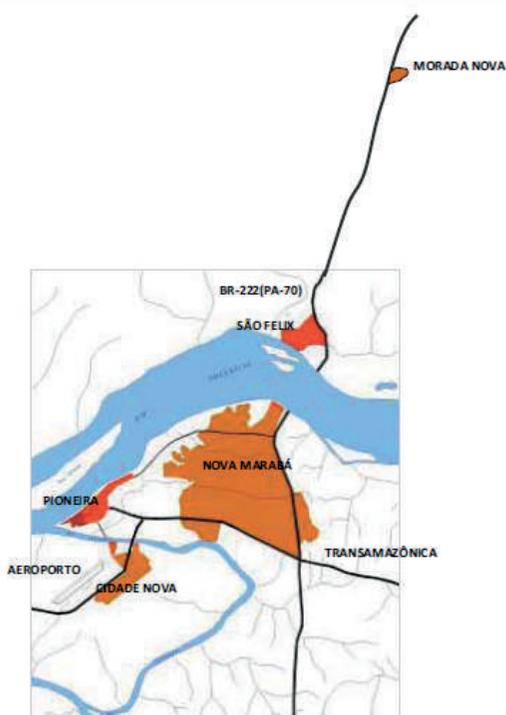
A expansão da cidade originou-se na Marabá Pioneira pelas vantagens apresentadas na topografia mais plana. No período de 1929 e 1947 a cidade perdia os traços mais primitivos, deixando de lado as casas de palha que existiam na maior parte da cidade. Contribuindo também para a economia, havia presença de olarias nas margens do rio Itacaiúnas em 1950, onde produziam manualmente tijolos, telhas, era situada às margens do rio pela facilidade de obter a matéria-prima, essa área tornou-se um bairro com nome Olarias.



Fonte:

3ª fase (1970 a 1980): A atividade econômica extrativista do ciclo da castanha, deixou de ser papel principal e outras atividades como a pecuária, passaram a exercer o protagonismo. Em 1974, surgiu o núcleo chamado Nova Marabá, planejado pela SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia). A ideia inicial de implantação desse novo núcleo, tinha como base abrigar a população afetada pelas enchentes no núcleo Marabá Pioneira. Porém, o projeto não obteve sucesso porque grande parte daquela população preferiu continuar morando naquela área do qual deveriam ser remanejadas.

Figura 14 – Ocupação territorial até 1980

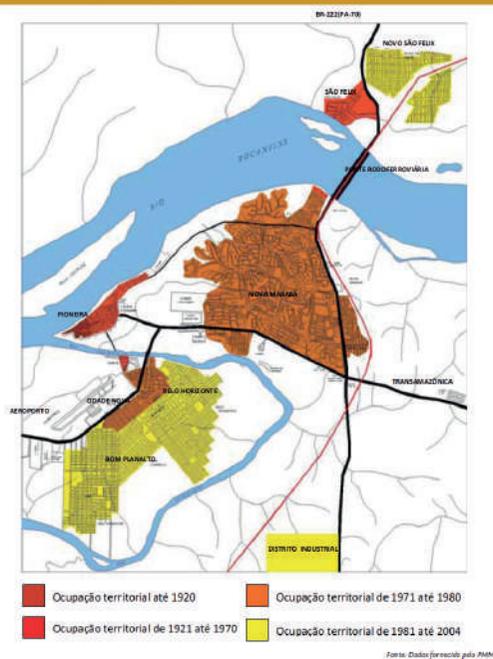


- Ocupação territorial até 1920
- Ocupação territorial de 1920 até 1970
- Ocupação territorial de 1970 até 1980

Fonte: Dados fornecidos pela PMM

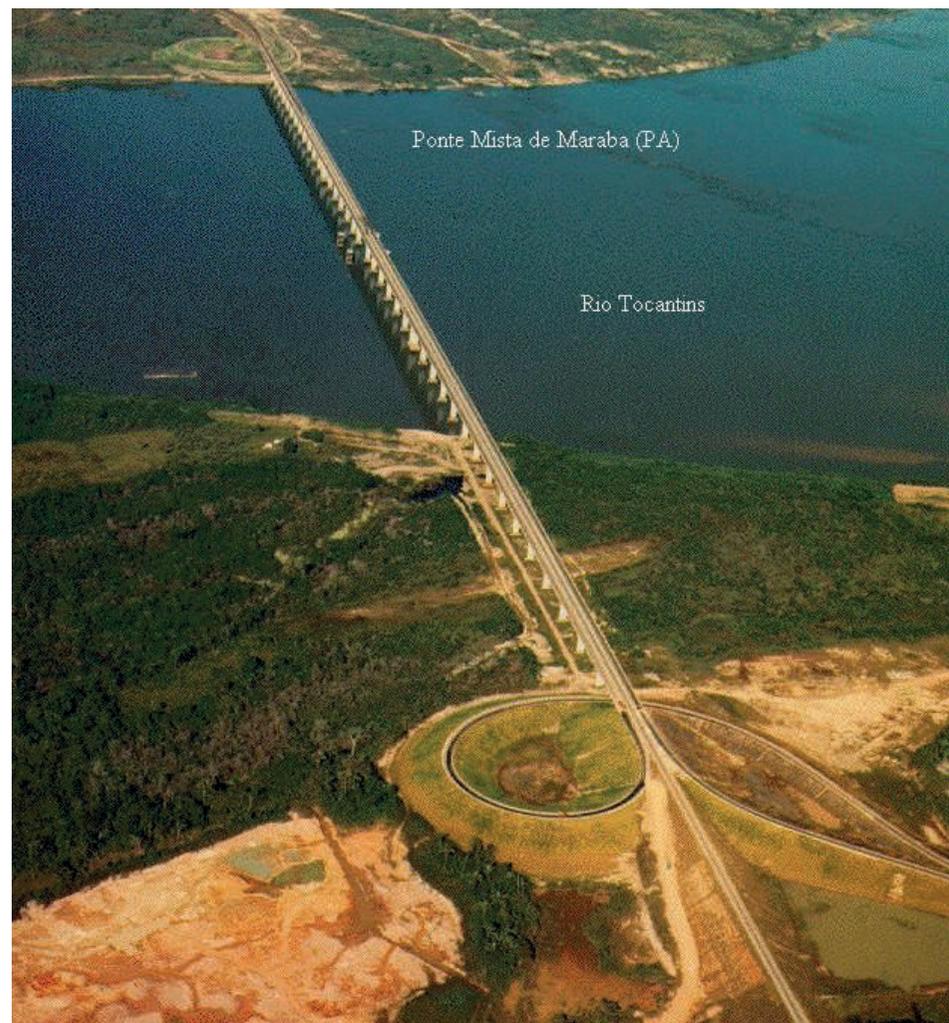
Fonte:

Figura 15 – Evolução da ocupação territorial até 2004



Fonte:

4ª Fase (1980 a 2005): Foi implantado o Programa Grande Carajás, para controlar a exploração de ouro, entre outros metais. Esse programa influenciou intensamente a migração e alteração na urbanização, um dos exemplos disso é a execução da ponte sobre o rio Itacaiúnas. Em 1980, observou um grande dinamismo para Marabá, esse processo rápido de migração ocorreu devido a intensa exploração de ouro em Serra Pelada, este fato ocasionou porque a cidade exerceu um entreposto de compras e venda de ouro na época. A partir de 1990 formou-se o bairro Santa Rita - pode-se dizer que é o bairro ocupado mais recente no núcleo Marabá Pioneira. Depois, em 2000 aconteceu a construção da infraestrutura portuária.



Fonte:



Fonte:

04 - Justificativa do lugar

4.1 Análise da Cidade

Limites



Fonte:

Norte – Itupiranga, Novo repartimento, Nova Ipixuna e Rondon do Pará

Sul – Parauapebas, Curionópolis, Eldorado dos Carajás e São Geraldo do Araguaia.

Leste – Bom Jesus do Tocantins, São João do Araguaia e São Domingos do Araguaia.

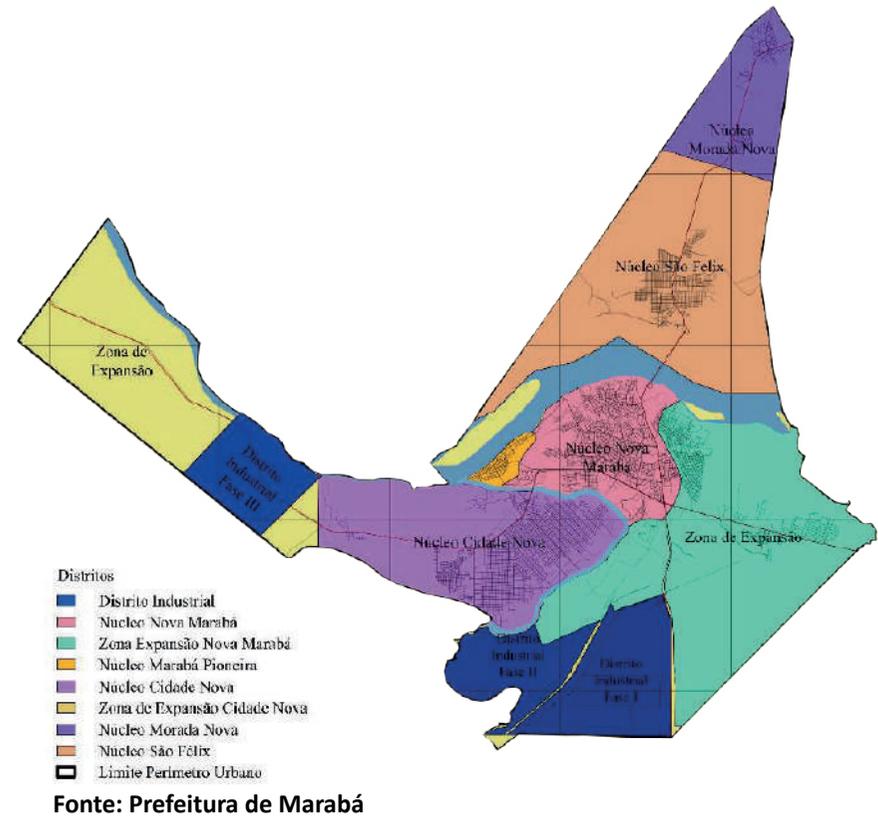
Oeste – São Félix do Xingú

População: Possui 287.664 mil habitantes

Dados territoriais: Possui uma dimensão territorial de 15.128,058 km².

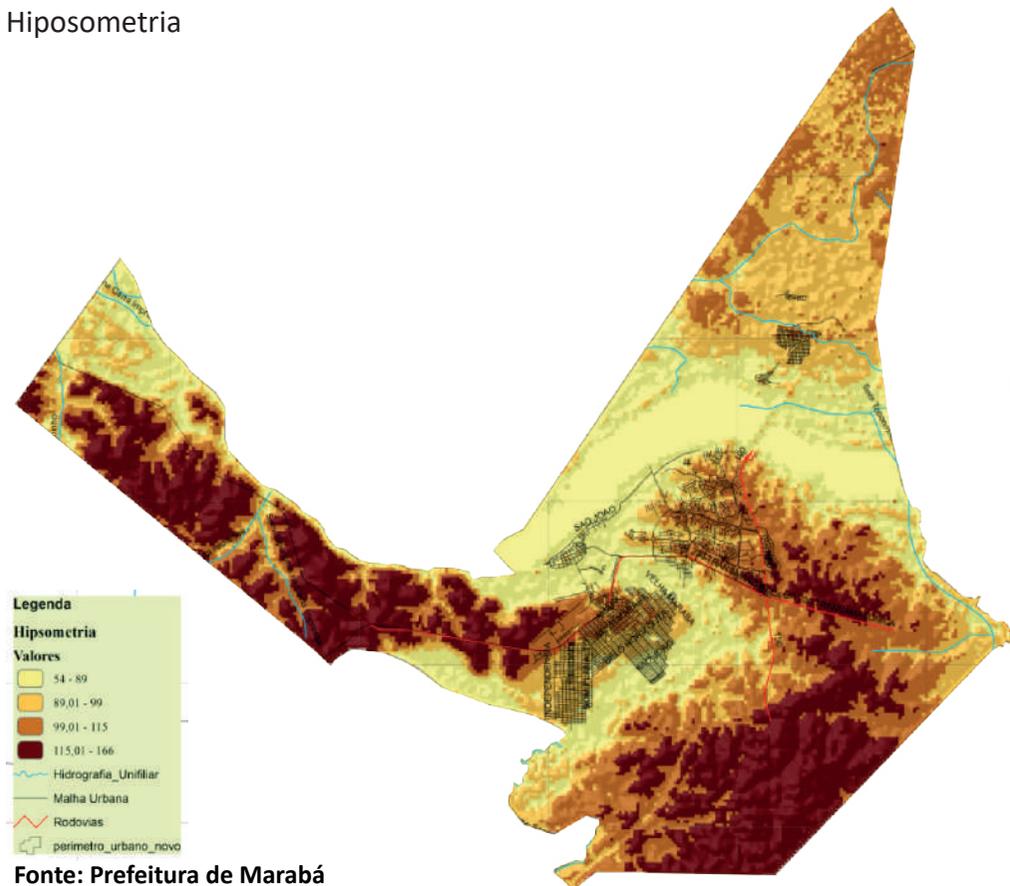
Hidrografia: Rio Tocantins e Itacaiúnas

Clima: O clima é tropical semiúmido. (Latitude: -5,32º)

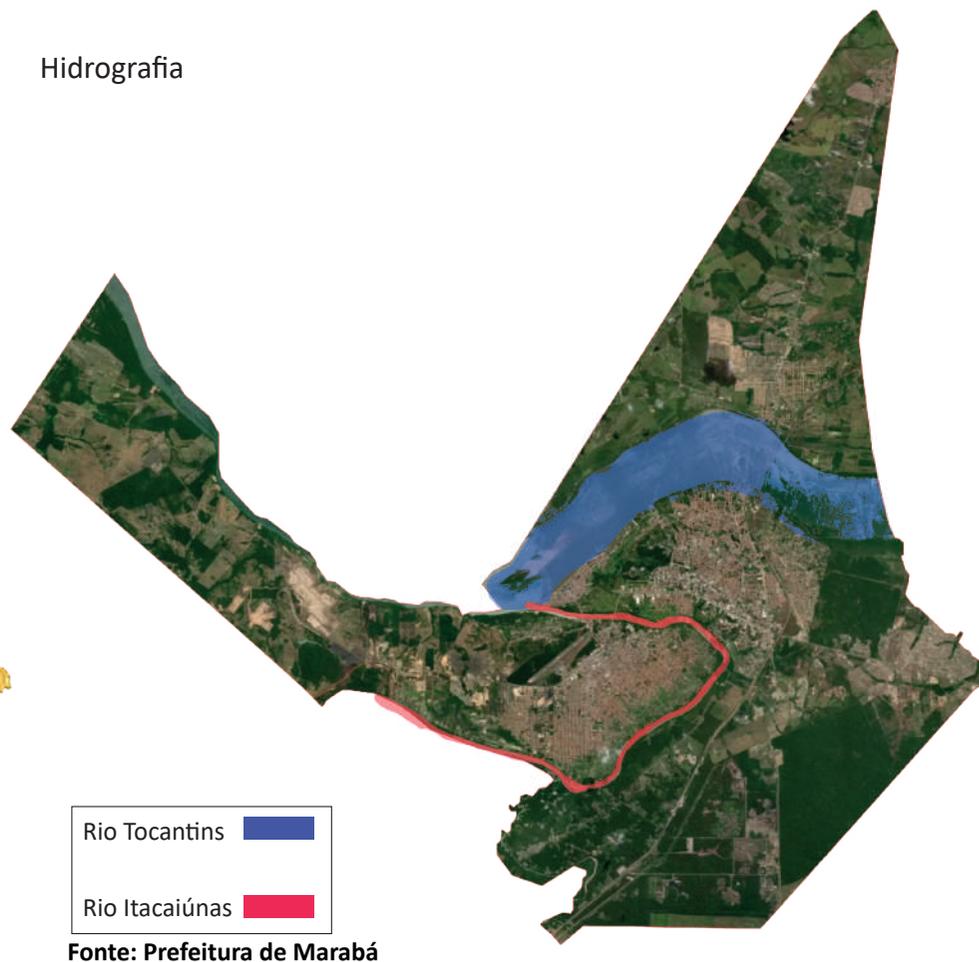


Os projetos urbanísticos realizados em Marabá tiveram um ideal complexo, com uma desarticulação entre o homem e a natureza, as políticas públicas que foram praticadas pareciam mais interessadas na destruição da floresta e no acúmulo de terras, com a crença que a natureza deveria ser “domesticada”, criando espaços públicos incapazes de atender as necessidades da população e poluindo os rios. Ao longo do tempo Marabá revela memórias sob olhares visíveis e invisíveis de lugares sociais, culturais e geográficos. Atualmente o distrito urbano em Marabá é composta por 6 núcleos urbanos consolidados: Marabá Pioneira, Nova Marabá, Cidade Nova, Zona industrial, São Félix, Morada Nova. O surgimento de centros e centralidades comerciais extra locais configurou a cidade em três porções distintas: a) Velha Marabá – comércio mais tradicional; b) Nova Marabá - área mais planejada; c) Cidade Nova – resultado de ocupações espontâneas.

Hipsometria



Hidrografia

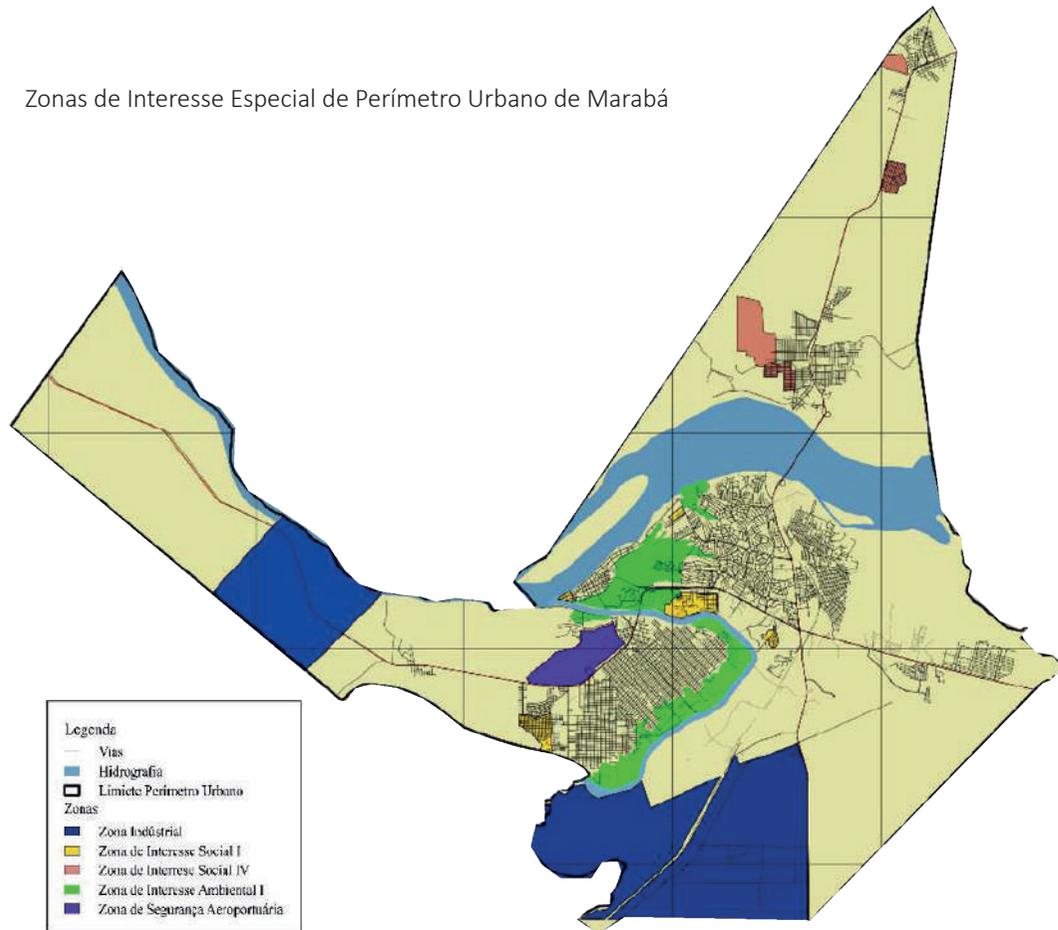


Relação de topografia com hidrografia

Pelo mapa de hipsometria é visível a ligação cultural da sociedade com a natureza, pois a formação da cidade iniciou-se no bairro Marabá Pioneira, área onde possui altimetria com nível próximo do rio, portanto sendo área de risco em alagamento, mas conscientes dos riscos ambientais, a população decidiu construir suas casas e permanecer na região.

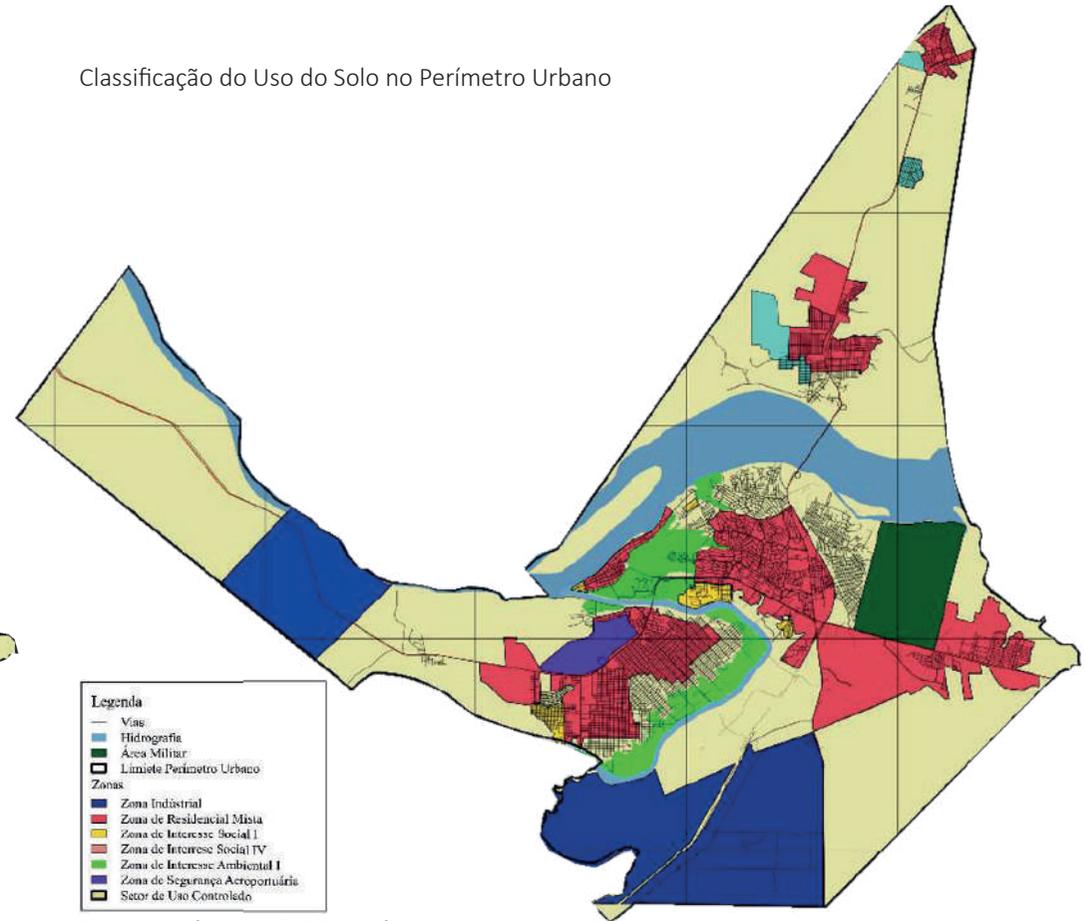
O distrito urbano está localizado na interseção da região hidrográfica Tocantins-Araguaia e sub-região hidrográfica Itacaiúnas, o encontro desses grandes rios contribuiu para a formação da cidade, pois o rio era o maior meio de transporte dos povos locais.

Zonas de Interesse Especial de Perímetro Urbano de Marabá



Fonte: Prefeitura de Marabá

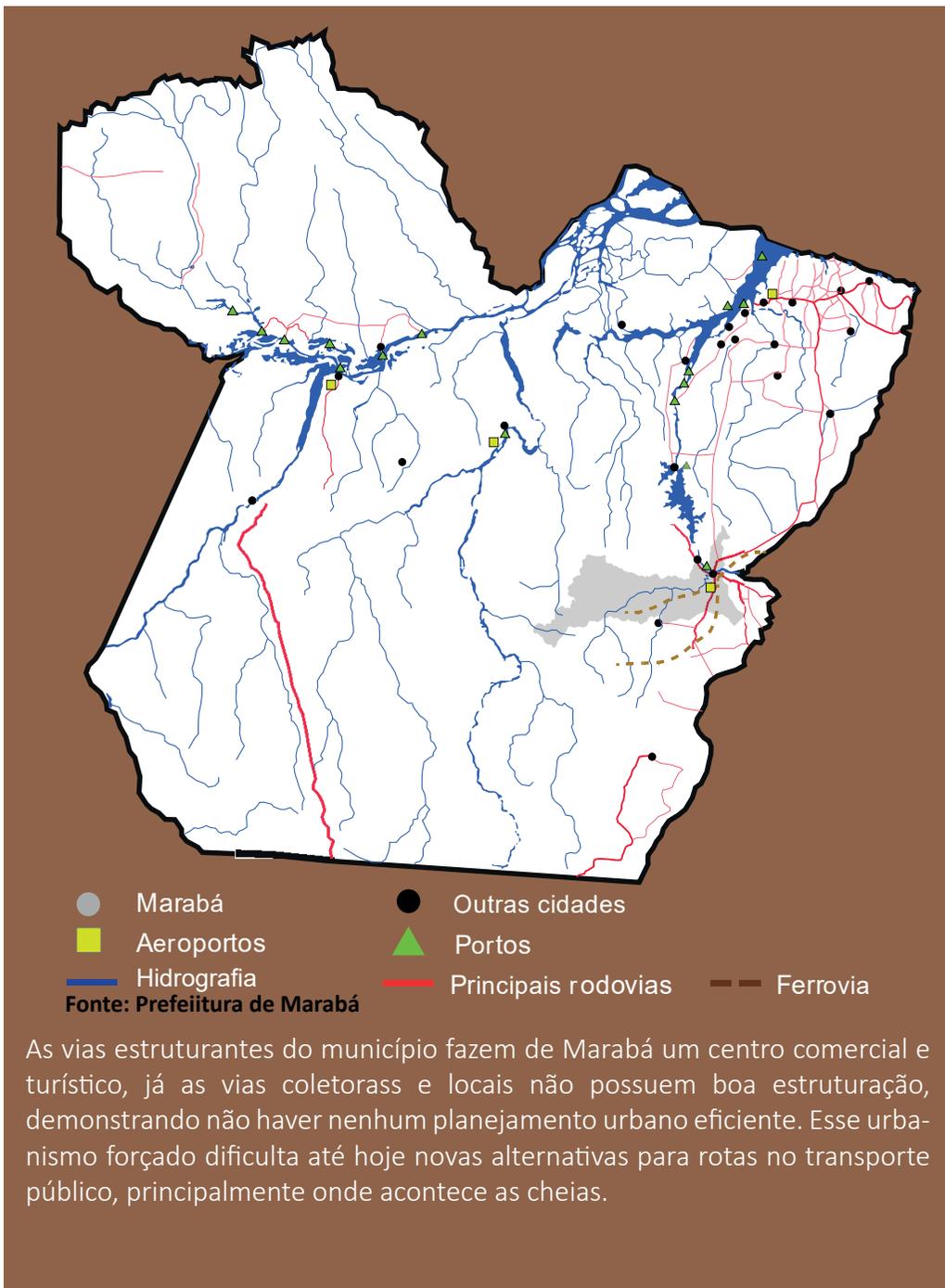
Classificação do Uso do Solo no Perímetro Urbano



Fonte: Prefeitura de Marabá

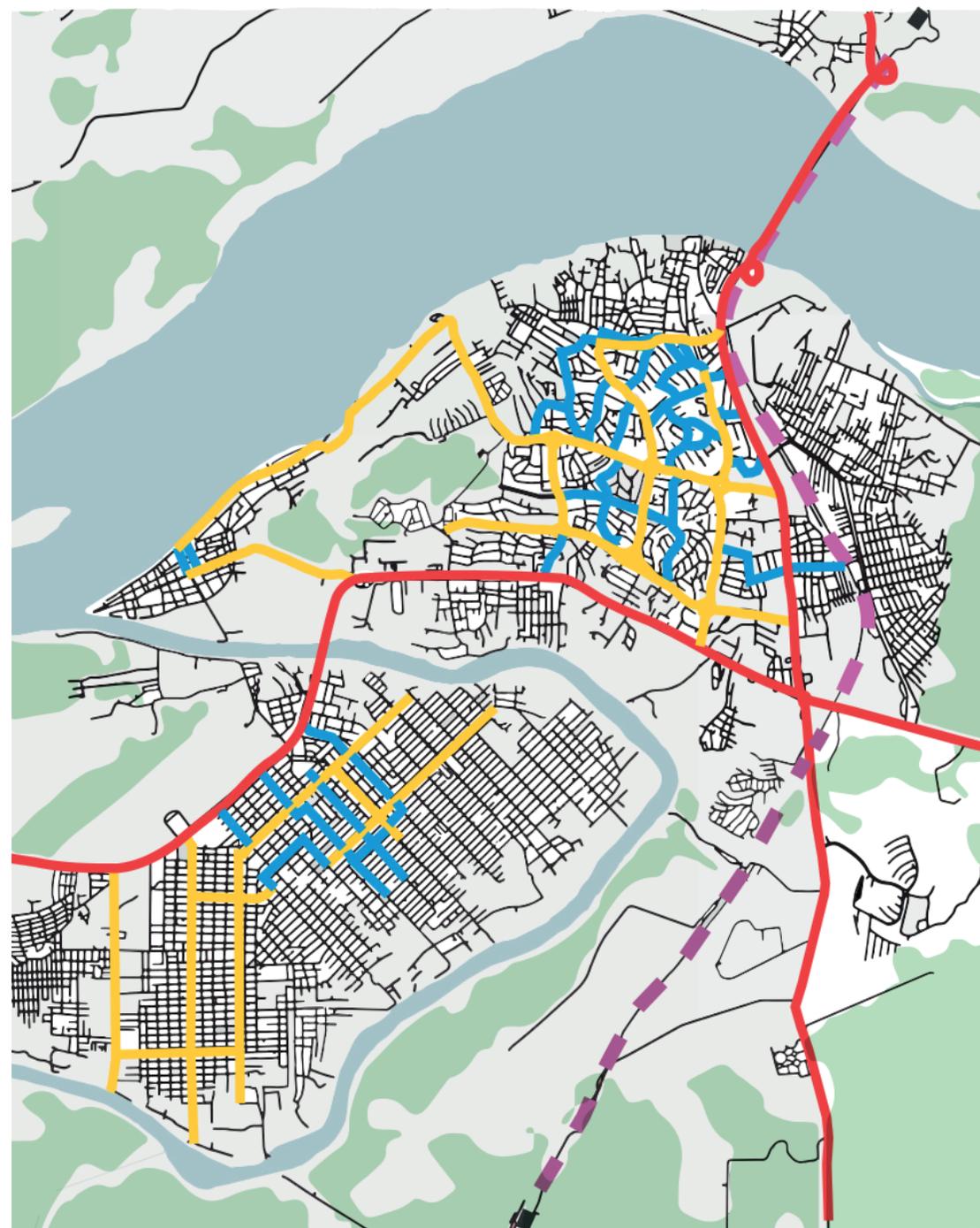
É visto que nas áreas de interesse ambiental o plano diretor não permite a alteração de altimetria com aterro, essas áreas estão abaixo da cota de alerta de alagamento (82m).

As áreas de interesse ambiental ficam próximas da Marabá Pioneira, maior parte tem uso misto, predominância de uso habitacional.



As vias estruturantes do município fazem de Marabá um centro comercial e turístico, já as vias coletoras e locais não possuem boa estruturação, demonstrando não haver nenhum planejamento urbano eficiente. Esse urbanismo forçado dificulta até hoje novas alternativas para rotas no transporte público, principalmente onde acontece as cheias.

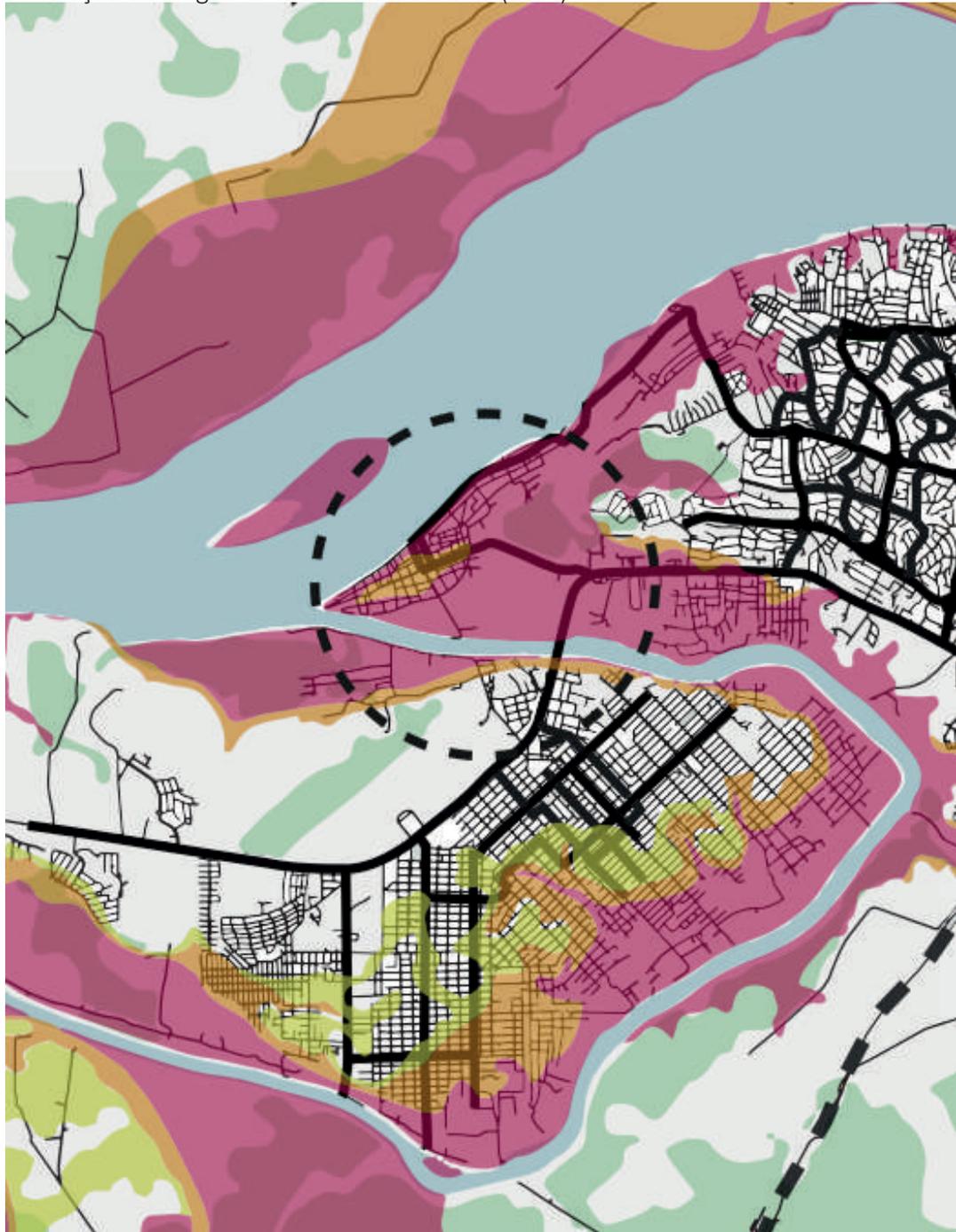
Sistema viário



Fonte: De autoria própria

PERSPECTIVAS AMBIENTAIS

Simulação de alagamento na cota de alerta (10m)



Fonte: Vitruvius

Cotas atingidas pelas cheias - 1976 a 1986

Tabela 2 - Cotas atingidas pelas cheias no rio Tocantins, em Marabá - 1976 a 1986. Níveis observados pelo Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica (Dnaee)

ANO	NÍVEL DNAEE (M)	COTAS ATINGIDAS PELAS ENCHENTES	ANO	NÍVEL DNAEE (M)	COTAS ATINGIDAS PELAS ENCHENTES
1976	8,99	80,87	1990	14,41	86,29
1977	12,43	84,31	1991	12,19	84,07
1978	14,47	86,35	1992	13,52	85,40
1979	14,45	86,33	1993	10,34	82,22
1980	17,42	89,30	1994	12,13	84,01
1981	12,41	84,29	1995	11,41	83,29
1982	13,12	85,00	1997	14,23	86,11
1983	12,44	84,32	1998	9,86	81,74
1984	10,19	82,07	1999	9,10	80,98
1985	13,14	85,02	2000	12,58	84,46
1986	12,59	84,47	2001	10,57	82,45
1987	10,54	82,42	2002	12,56	84,44
1988	11,56	83,44	2003	11,30	83,18
1989	10,81	82,69	2004	13,50	85,38

Fonte: Revista - Perspectivas sobre o meio ambiente em Marabá

As áreas que apresentam um risco ambiental foram estabelecidas pelo plano diretor um alerta para a cota de altura 82m (corresponde ao nível 10m). No bairro Marabá Pioneira a altimetria é próxima ao nível do rio, as cotas variam de 80,8 e 83,1, o que deixa a região em constante risco de alagamento todos os anos, com isso, torna a região um patrimônio cultural não só pelas edificações históricas, mas também pelo modo de vida da população



Fonte: Correios Carajás



Fonte: Correios Carajás

É notado que nas áreas de alagamento, alguns moradores com mais condições financeiras adotaram um pavimento superior para permanecer no período de cheia em suas casas, por outro lado, em regiões mais pobres ainda é visto o tipo palafitas. A cheia geralmente dura em média 2 semana, nesse ciclo o transporte fluvial contribui para a locomoção desses moradores para outras regiões.



Fonte: Correios Carajás



Fonte: Correios Carajás

4.1 Localização do terreno

● APM

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu

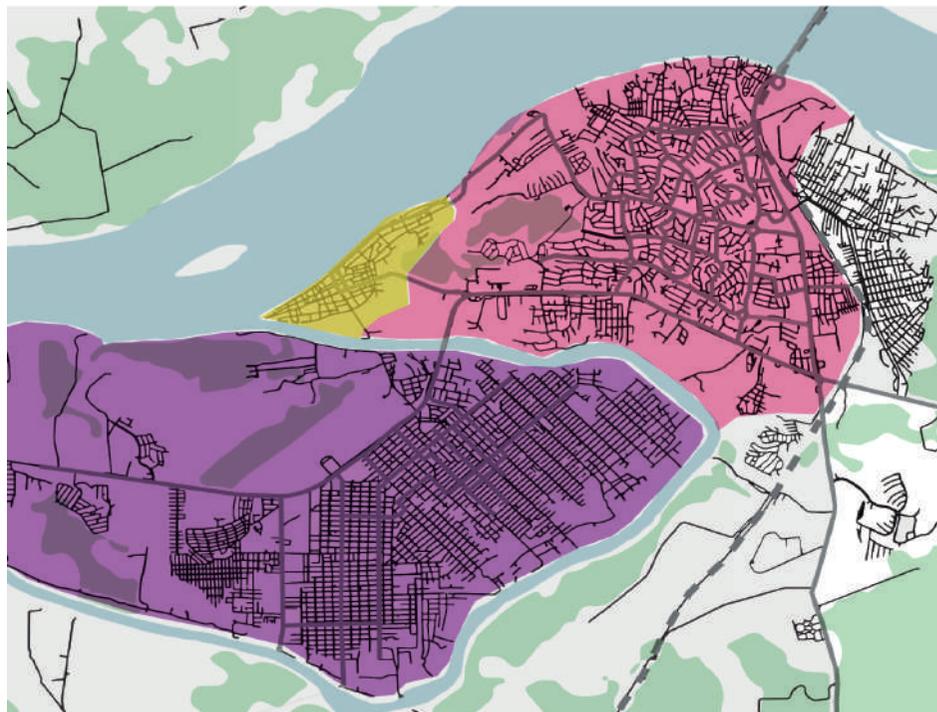


Fonte: Aatoria propria

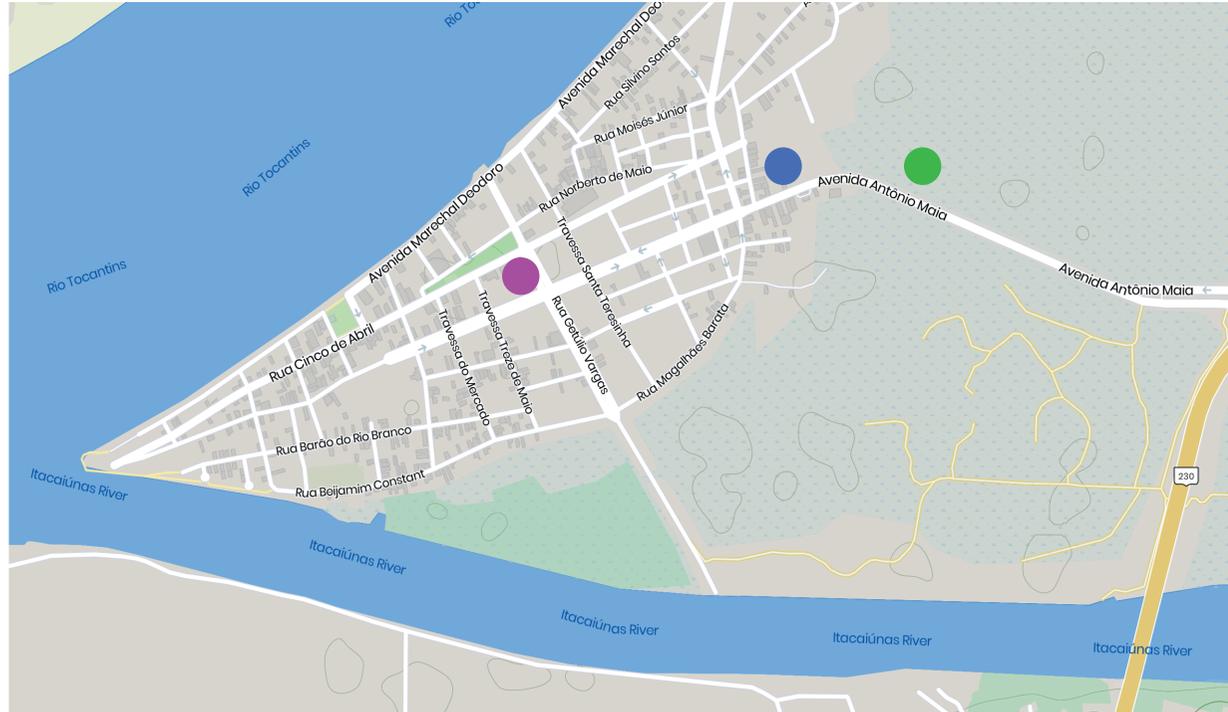
● Zona de interesse especial



Fonte: Aatoria propria



Fonte: Aatoria propria

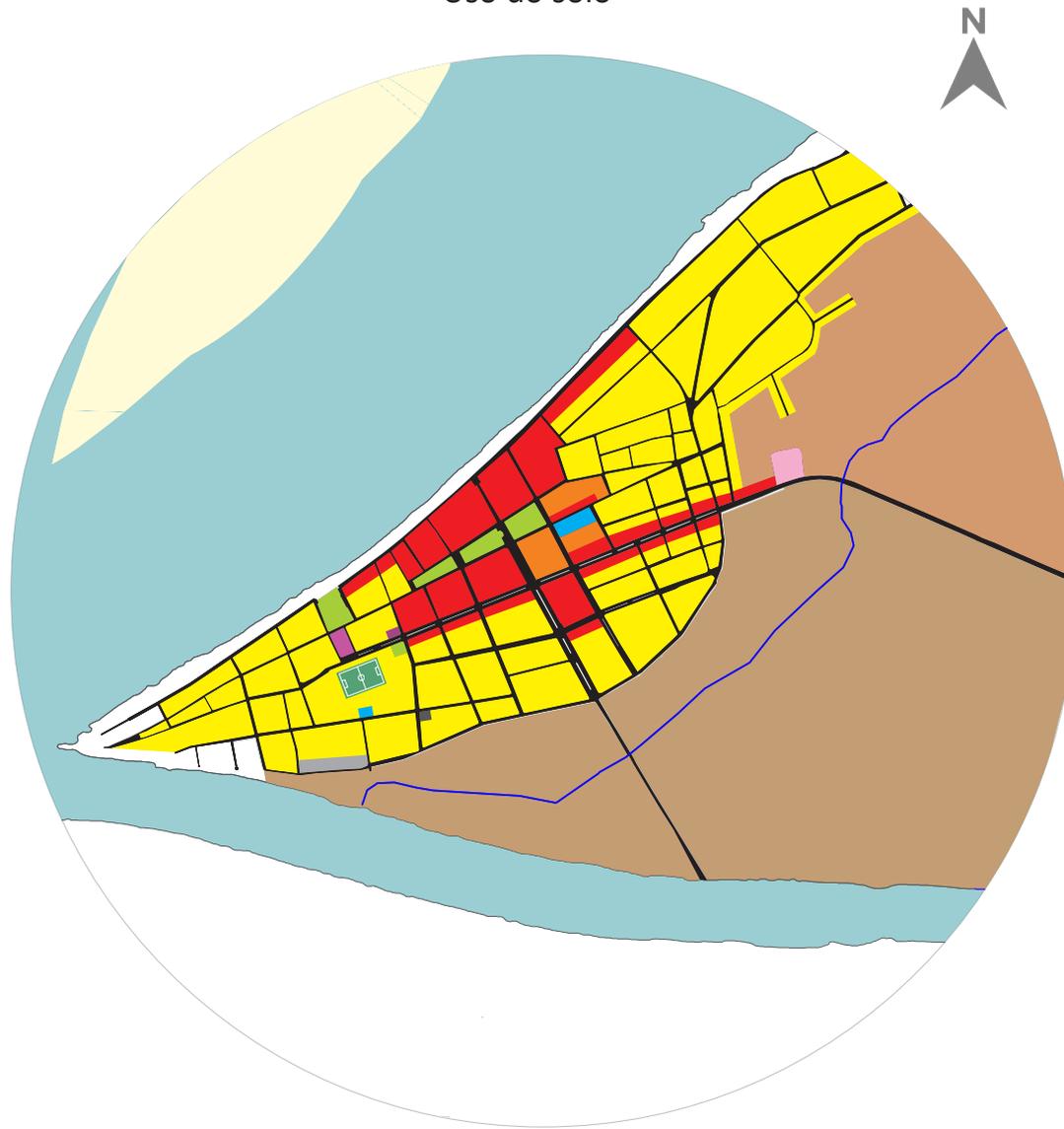


Fonte: Google Maps

4.2 Caracterização do entorno do terreno

Uso do solo

- Habitação
- Comércio
- Educação
- Cultura
- Saúde
- APM



A predominância do uso no bairro Marabá Pioneira é habitacional e mista. A área é rica em cultura mas há fragilidades

Gabarito de altura

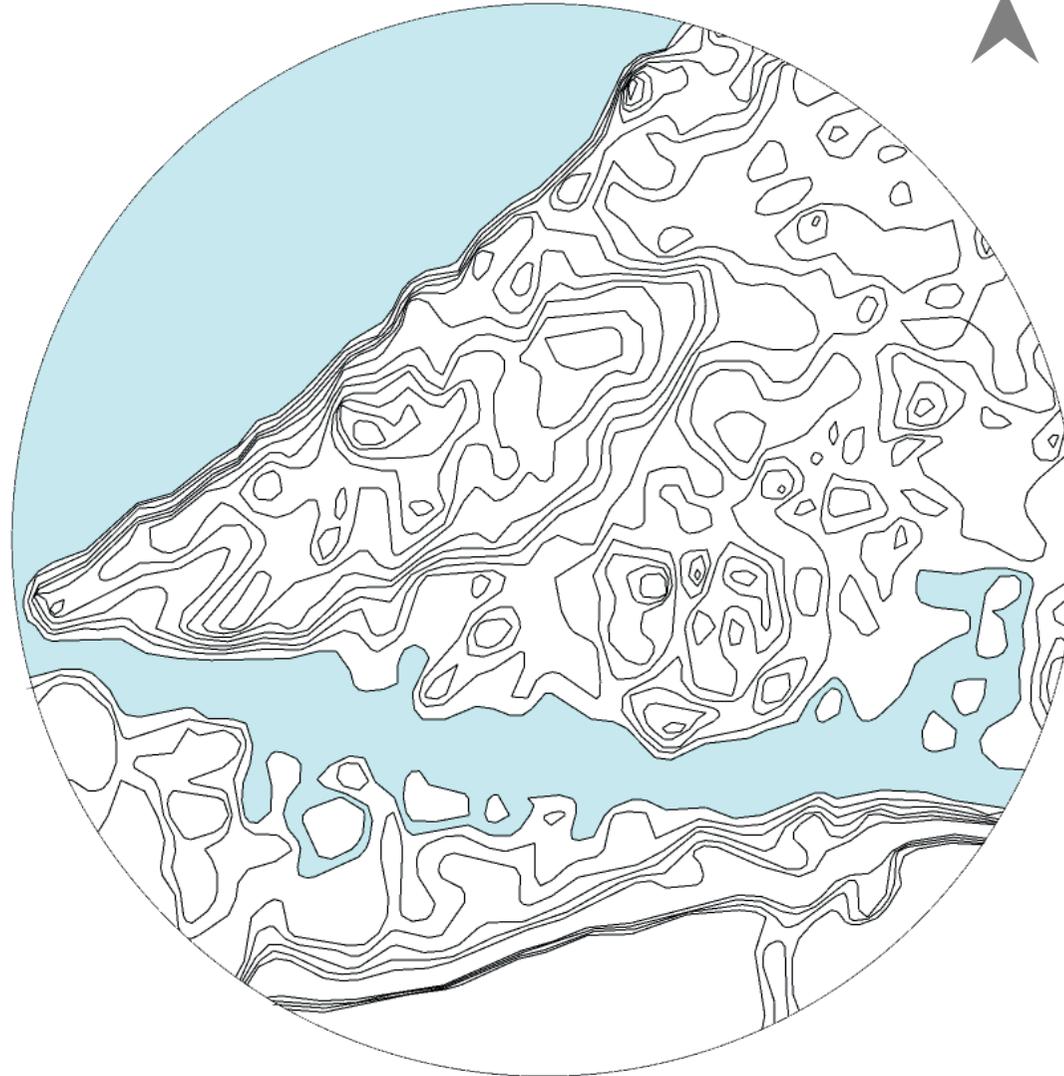


- 1 PAVIMENTO
- 2 PAVIMENTOS
- 3 PAVIMENTOS



Os edifícios maiores são nos centros do bairro, maioritariamente comerciais.

Topografia



A topografia da cidade é muito próxima do nível dos rios, o bairro em si é muito plano, embora as áreas de interesse ambiental seja vários buracos sem nenhuma grande diferença de níveis.

Parque Yanweizhou

Ficha técnica

Localização: Jinhua, na província de Zhejiang – China.

Área: 26 Hectares

Arquiteto: Turenscape

Cliente: Governo municipal de Jinhua

Prêmios: Paisagem do Ano 2015/ Primeiro prêmio de 2018 na categoria arquitetura paisagística

Ano: 2010-2014

Pontos relevantes para o estudo:

1. A forma do parque parece o bairro de estudo, com o encontro de dois rios dando formato de Y.
2. Áreas alagáveis e terras com cotas mais baixas foram integradas em um sistema de gestão de águas da Chuva. chuva, formando uma espécie de lagos de retenção.
3. Espaços públicos contínuos para abrigar caminhos de pedestres e rotas cicláveis, aumentando o contato com o rio
4. Trilhas suspensas, tecnologias e soluções.

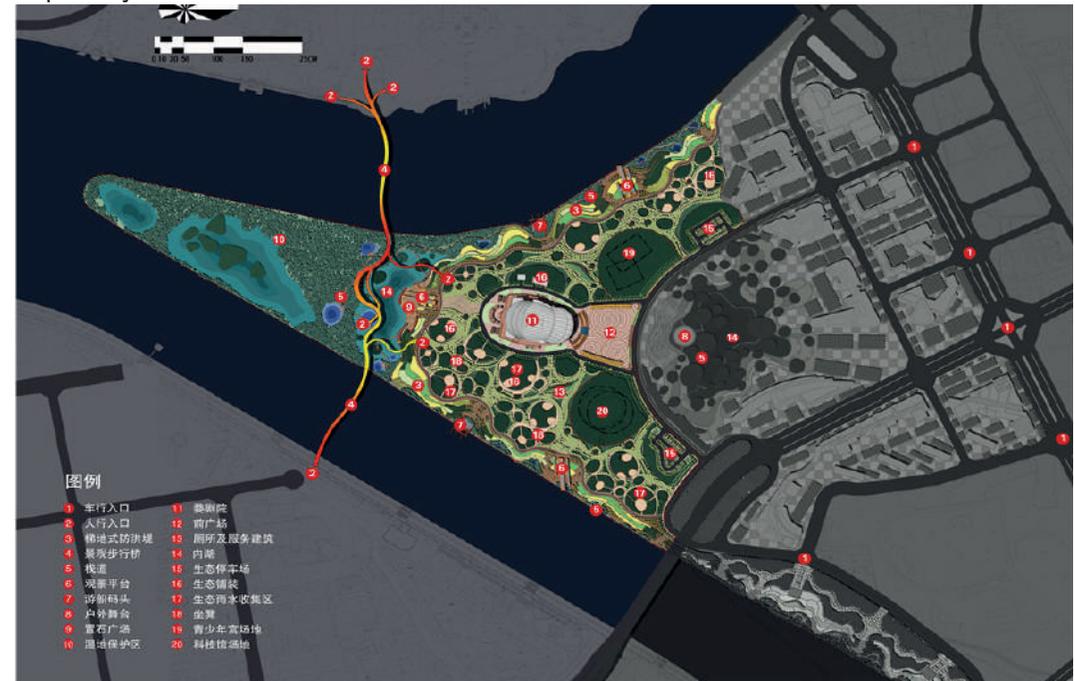


O projeto foi pensado para adaptar-se às inundações assim como as vegetações aquáticas, hoje a obra é vista como uma paisagem poética, sendo um atrativo na cidade. O encontro dos rios Wuyi e Yiwu formam um y que lembra a forma do bairro Marabá Pioneira – Marabá. O significado de Yanweizhou é “cauda de pardal”

Desafios enfrentados:

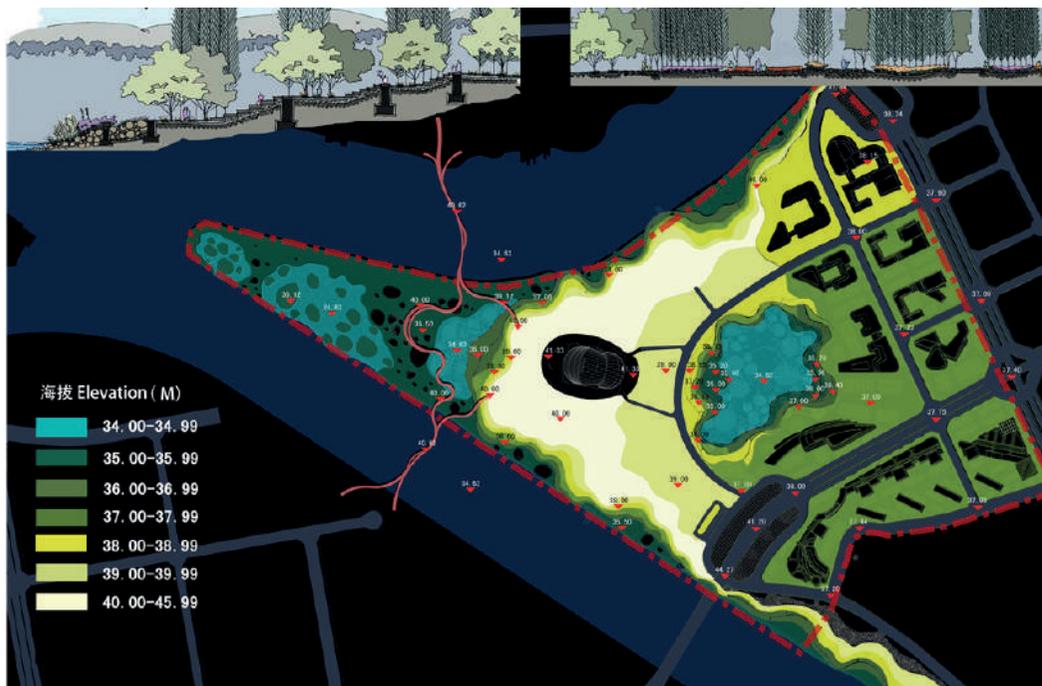
- 1 - Assim como Marabá, as condições do local existem habitat de povos ribeirinhos, mas como preservar essas regiões e dialogar com o centro urbano é um dos desafios.
- 2 – Que tecnologia e solução para controlar as enchentes, a drenagem e muro de contenção ou adaptar-se ao meio ambiente permitindo que o parque inunde?
- 3 – A integração do edifício com a paisagem em formas orgânicas, dando ar de continuidade da natureza.
- 4 – Como ligar outros bairros ao parque sem que perca a identidade cultural dos povos locais?

Implantação



图例

- | | |
|----------|------------|
| 1 车行入口 | 11 叠瀑院 |
| 2 人行入口 | 12 前广场 |
| 3 梯地式防洪堤 | 13 厕所及服务建筑 |
| 4 架空步行桥 | 14 白墙 |
| 5 栈道 | 15 生态停车场 |
| 6 观景平台 | 16 生态铺装 |
| 7 游船码头 | 17 生态雨水收集区 |
| 8 户外舞台 | 18 坐凳 |
| 9 置石广场 | 19 青少年实践地 |
| 10 湿地保护区 | 20 科技馆遗址 |



Perspectiva - trilhas suspensas



O parque é visto como modelo de restauração ecológica em cidade esponja, além de ser nomeado a passagem do ano em 2015 pelo The World Architecture Festival. O parque integra a cidade com a natureza e não o contrário.



O projeto é visto como modelo de restauração ecológica em cidade esponja, além de ser nomeado a passagem do ano em 2015 pelo The World Architecture Festival. O parque integra a cidade com a natureza e não o contrário.



A região fica inundada por um curto período de tempo, as trilhas suspensas contribuem para a área não se tornar uma subutilizada. Enquanto não acontece as cheias, os espaços de contemplação dão mais opções para o visitante ter contato com a natureza



Centro Cultural - A história que eu conto

Ficha técnica

Localização: Vila Aliança, Bangu, Rio de Janeiro

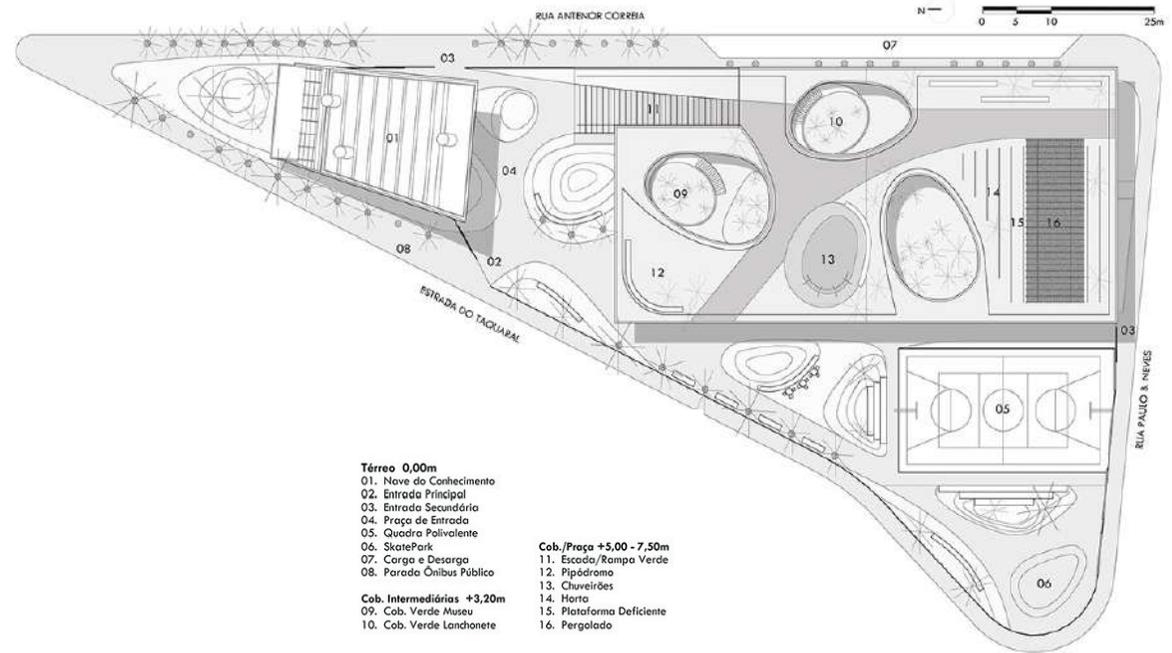
Área: 1.972 m²

Arquiteto: Bel Lobo e Antonio Pedro Coutinho

Ano: 2011

Pontos relevantes para o estudo

1. Pela tentativa de resgatar o pertencimento da população com o edifício, o conceito do projeto, pensar no edifício como uma sombra q abriga as crianças as tira de problemas sociais.
2. Escala e quantidade de habitantes parecidos.
3. Soluções de conforto térmico.



- Térreo 0,00m**
 01. Nave do Conhecimento
 02. Entrada Principal
 03. Entrada Secundária
 04. Praça de Entrada
 05. Quadra Polivalente
 06. SkatePark
 07. Carga e Descarga
 08. Parada Ônibus Público
- Cob. Intermediárias +3,20m**
 09. Cob. Verde Museu
 10. Cob. Verde Lanhonete
- Cob./Praça +5,00 - 7,50m**
 11. Escada/Rampa Verde
 12. Pipadromo
 13. Chuveirões
 14. Horta
 15. Plataforma Deficiente
 16. Pergolado

Implantação



Planta Baixa Térreo 0.00

TÉRREO 0,00m

- BLOCO SERRA-ESTRUTURA**
 01. Escada 33,0m²
 02. Loja/Residência 14,2m²
 03. Banheiro Fem. 9,8m²
 04. Banheiro Masc. 10,7m²
 05. Banheiro Def. 4,8m²
 06. Sala/Comunicação 36,5m²
 07. Museu/Loja CCHC 47,6m²
- BLOCO ADMINISTRATIVO**
 08. Recepção 7,0m²
 09. Copo 6,3m²
 10. Administração 15,3m²
 11. Arquivo/Artes 5,0m²
 12. Sala Oficina 9,0m²
 13. Sala Reunião 12,0m²

- BLOCO LANCHONETE**
 14. Cozinha 12,3m²
 15. Cozinha 5,9m²
 16. Balcão Atendimento 11,3m²
 17. Varanda Coberto 16,0m²
- BLOCO TEATRAL**
 18. Teatro Multi-uso 195,0m²
 19. Banheiro Prof. 1,8m²
 20. Depósito 01 8,0m²
 21. Depósito 02 2,0m²
- BLOCO EDUCATIVO 01**
 22. Sala Multi-Us 43,0m²
 23. Sanitário/Estrepeira 40m²
- BLOCO EDUCATIVO 02**
 24. Cozinha 01 5,0m²
 25. Banho Com-01 3,9m²

26. Plataforma Def. 4,4m²
 27. Cozinha 02 7,2m²
 28. Banho Com 02 3,8m²
 29. Sala Técnica 7,3m²
 30. Sala Teatro/Banjo 40,9m²
 31. Dormitório 25,5m²
 32. Sala de Cozinha 41,8m²
 33. Vestiário Masc. 10,0m²
 34. Vestiário Fem. 10,0m²
- GERAIS**
 35. Pólo 01 41,3m²
 36. Pólo 0m 55,3m²
 37. Pólo 02 124,7m²
- SEGUNDO ANDAR +3,20m**
BLOCO DE ESTUDOS
 38. Terraço Coberto 44,9m²
 39. Plataforma Def. 4,4m²

40. Ilha de Edição Vídeo 7,2m²
 41. Estúdio de Vídeo 26,0m²
 42. Sala de Música 37,8m²
 43. Ilha de Edição 13,3m²
 44. Estúdio Musical 29,0m²



Planta Baixa Segundo Andar +3.20

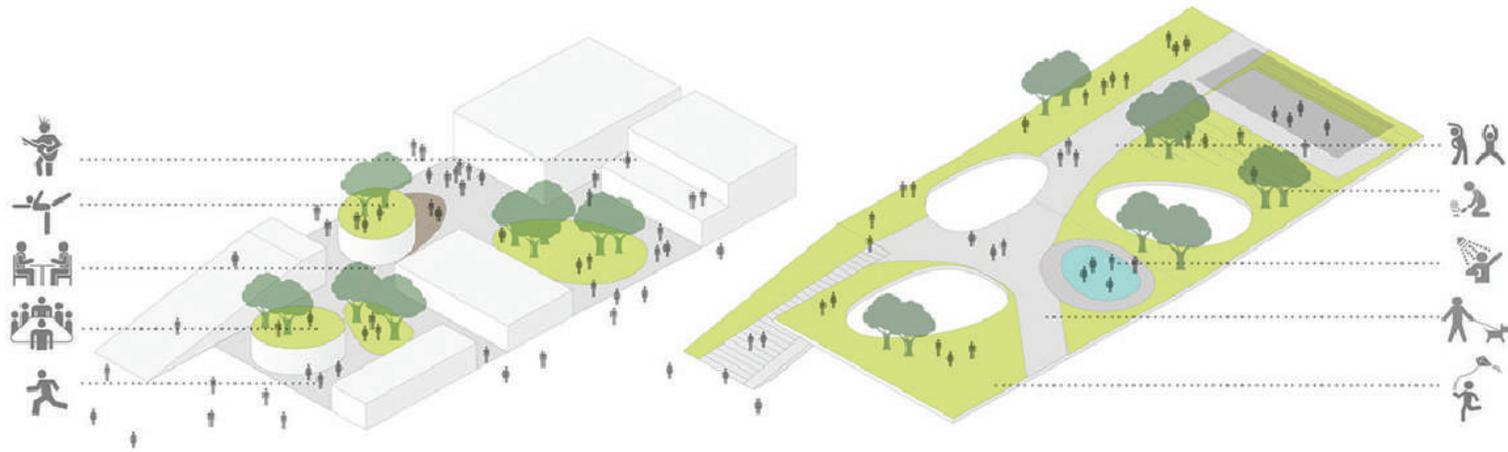
O projeto surge de um convite da Associação da Sociedade Civil, com intuito de ocupar a área abandonada que anteriormente usada por uma escola de madeira, mas por vários casos de vitimas em balas perdidas, decidiram abandoná-la. Mas o Centro Cultural dá aula de reforço, teatro, atividades culturais e esportivas com crianças de várias classes sociais.

A transformação do espaço urbano de um local que renasce de um tiroteio, necessitava de mudanças que iam além da segurança pública, com isso o projeto foi pensado como uma sombra que abriga o entorno sufocado, dando respiro aos moradores.

A cobertura foi pensada para além de resolver questões térmicas, ser um espaço público, uma praça no terraço-jardim que reaproxima em um ato simbólico as pessoas afastadas da região pela insegurança, logo abaixo tem as salas de aula e no pátio central sendo iluminação zenital

O interessante do projeto é a transformação do espaço urbano em conflito em uma solução que tenta resgatar além da segurança, a identidade cultural das pessoas, o orgulho de pertencimento da região.

Setorização



Usos Entre-Espaços

Usos Cobertura

Composição formal



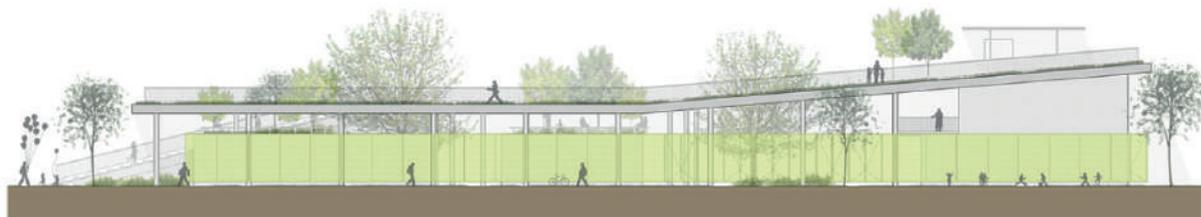
Composição formal



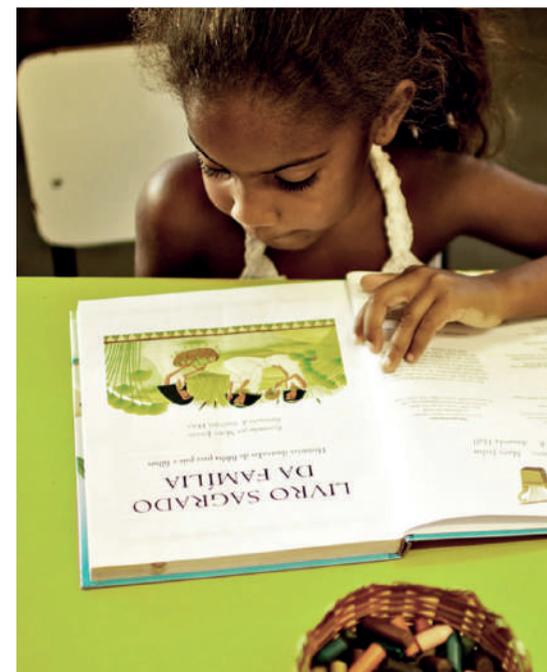
Corte



Corte



Fachada



Composição formal



Composição formal



Composição formal



Composição formal



Composição formal

Memorial do Cerrado

Ficha técnica

Localização: Jardim Olímpico - PUC GOIÁS campus 2

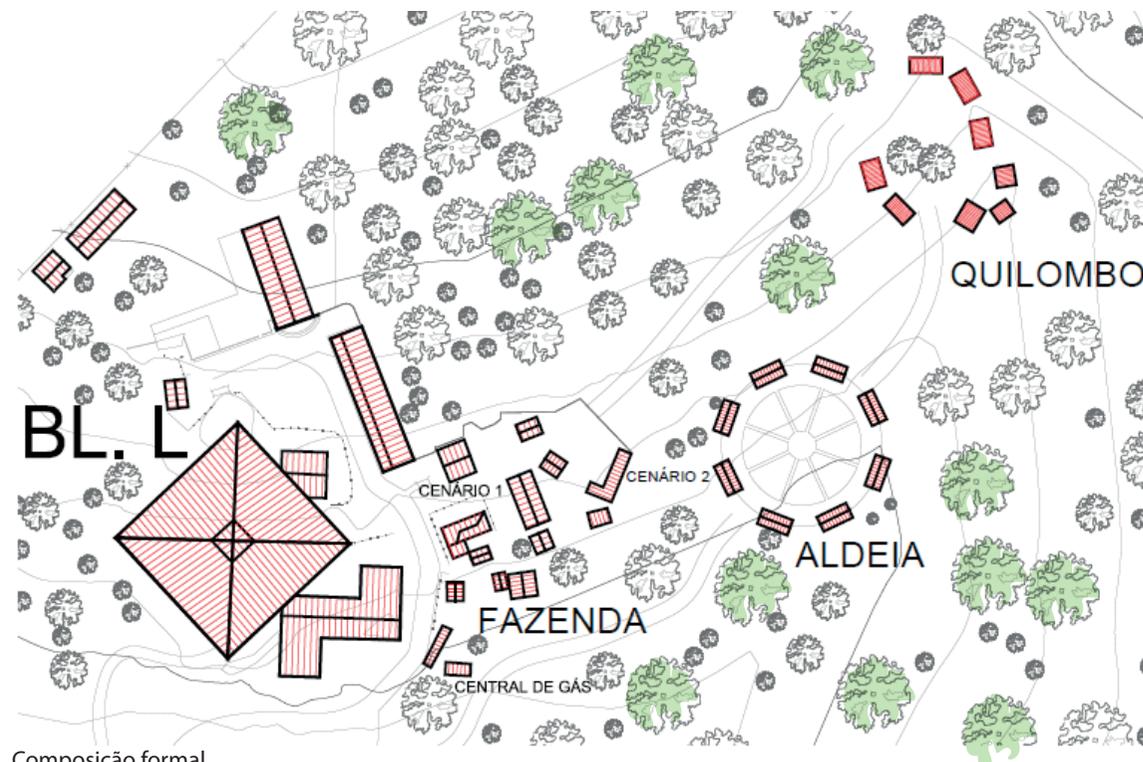
Cliente: PUC GOIÁS

Engenheira: Cybelle Luiza Barbosa Musse

Pontos relevantes para o estudo:

O Memorial reúne espaços que representam as diversas formas de ocupação de distintos povos e os modelos de relacionamento com a natureza e a sociedade;

Conceito de circuito cultural, introduzindo a população com o meio ambiente.

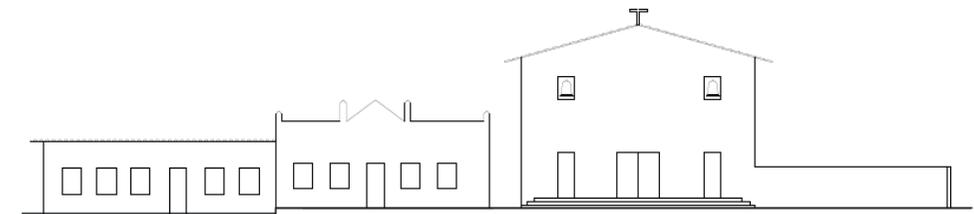


Composição formal



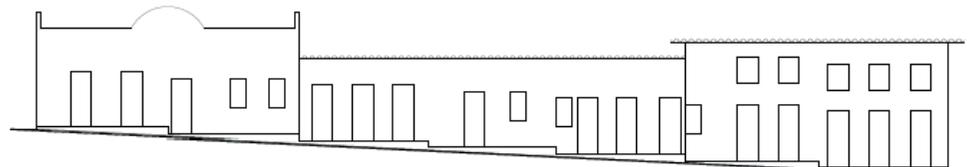
Composição formal

No memorial existem trilhas ecológicas, espaço para educação ambiental, cenário quilombola, indígena, e fazendeiros, também conta com um museu natural com exposições, logo ao lado tem a Vila Cenográfica de Santa Luzia, recriando um povoado de origem portuguesa que haviam no centro do Brasil. O memorial do cerrado é um exemplo de Circuito Cultural, uma mistura de cultura e aprendizagem, um bom fundamento teórico para Marabá, terra conhecida por sua grande miscigenação de povos.



BLOCO L - FACHADA 01 - VILA CENOGRÁFICA DE SANTA LUZIA

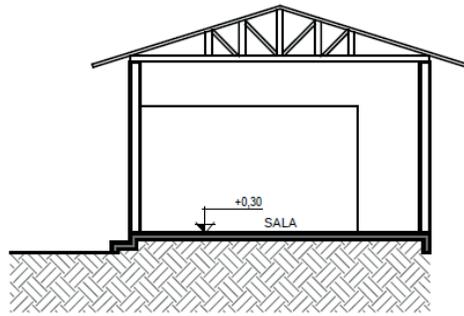
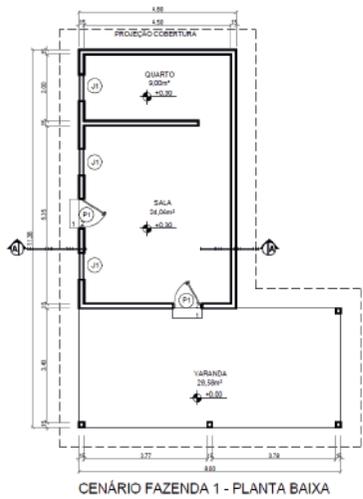
Fonte:



BLOCO L - FACHADA 02 - VILA CENOGRÁFICA DE SANTA LUZIA

Fonte:

Cenário fazenda



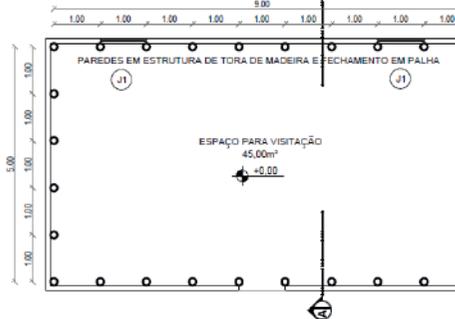
CENÁRIO FAZENDA 1 - CORTE AA

ESC.: 1:100

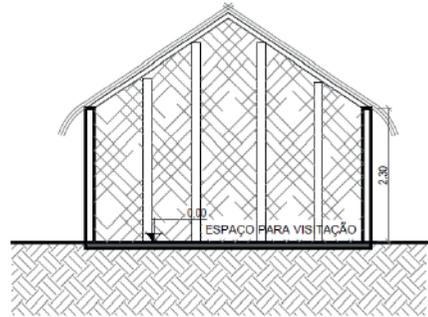
A vila conta com cenários que imitam oficinas rurais e fazendas, que no período colonial eram responsáveis pela geração de riqueza, o percurso te insere na história de maneira didática, tendo contato com práticas e costumes da época e ainda presentes hoje pelas comunidades tradicionais.



Cenário aldeia



ESC.: 1:100
ÁREA CONSTRUÍDA = 50,02m²



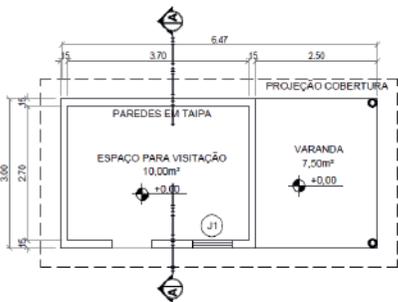
CENÁRIO ALDEIA - CORTE AA

ESC.: 1:100

Inspirada no modelo de edifício da cultura indígena Timbira, tendo o formato da aldeia circular com cada casa tendo caminhos para o pátio, onde acontece atividades da tribo. eum iriure



Cenário Quilombo



ESC.: 1:100
ÁREA CONSTRUÍDA = 19,50m²



CENÁRIO QUILOMBO - CORTE AA

ESC.: 1:100

Há a recriação fiel de um dos cenários de resistência quilombola, organizado por afro-brasileiros ou africanos que fugiam da escravidão



MAPEAMENTO DE ATIVIDADES CULTURAIS NO CIRCUITO



SOCIAL = 325,5 m²

AMBIENTE	ÁREA ESTIMADA	ÁREA FINAL
Recepção	10m ²	7,5m ²
Banheiro masculino	20m ²	15m ²
Banheiro feminino	20m ²	15m ²
Lanchonete	200m ²	190m ²
Pátio	100m ²	80m ²
Elevador	3m ²	3m ²
Escada	21m ²	15m ²

ADMINISTRATIVO = 201 m²

AMBIENTE	ÁREA ESTIMADA	ÁREA FINAL
Secretaria	50m ²	45m ²
Administração	20m ²	30m ²
Lavabo masculino	6m ²	3m ²
Lavabo feminino	6m ²	3m ²
Copa	20m ²	35m ²
Depósito	20m ²	30m ²
Copiadora	15m ²	15m ²
Sala de reuniões	20m ²	20m ²
Sala de espera	20m ²	20m ²

SERVIÇO

AMBIENTE	ÁREA ESTIMADA	ÁREA FINAL
Subestação	30m ²	20m ²
Reservatório d'água	30m ²	20m ²
Centrais (Elétrica, gás, técnica)	40m ²	34m ²
Depósito	20m ²	20m ²
DML	15m ²	13m ²
Banheiro masculino	15m ²	13m ²
Banheiro feminino	15m ²	13m ²
Carga e descarga	30m ²	22m ²
Lixo	20m ²	11m ²

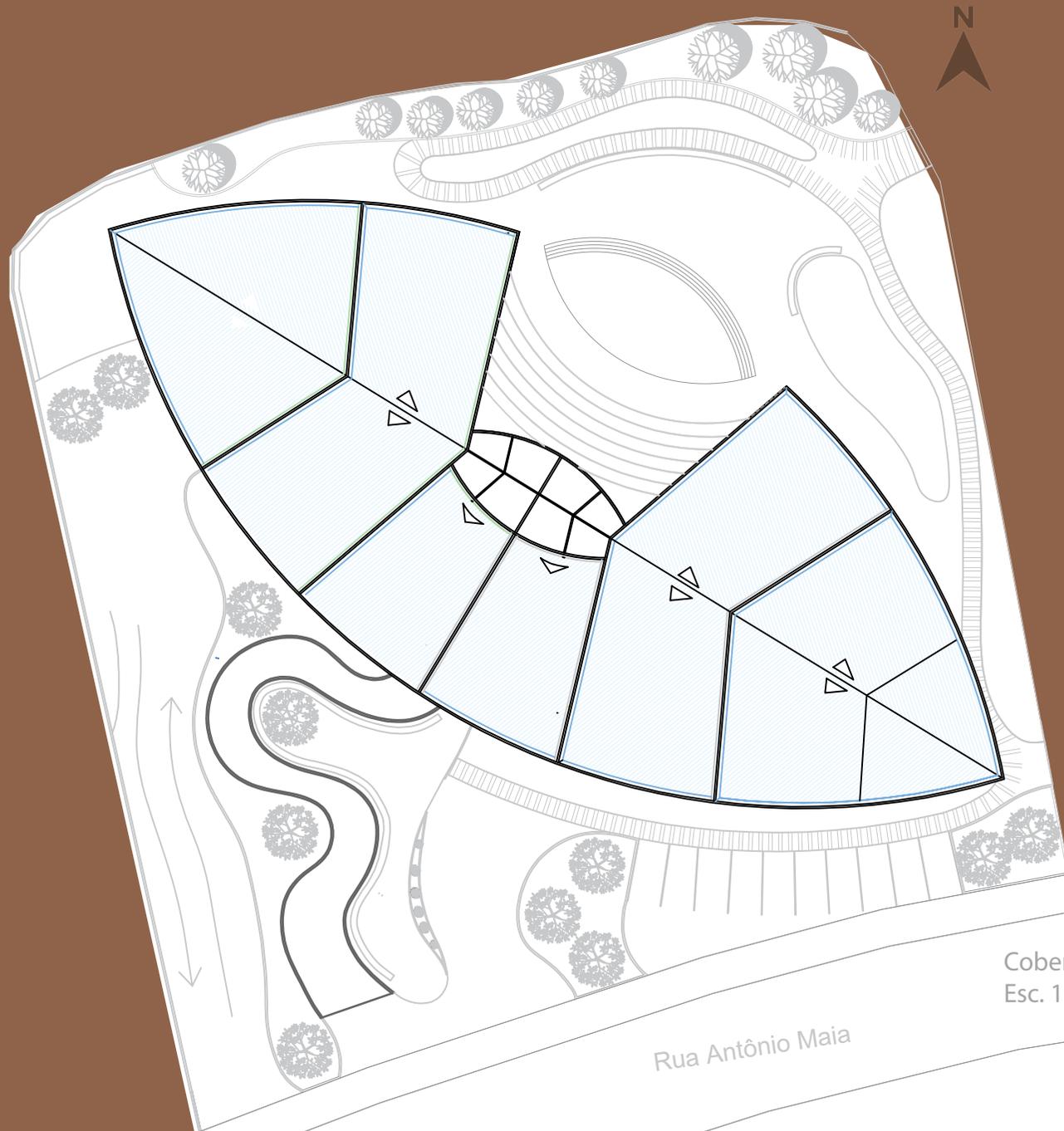
CULTURAL

AMBIENTE	ÁREA ESTIMADA	ÁREA FINAL
Sala multiuso	60m ²	56m ²
Sala/Oficina de música e dança	65m ²	55m ²
Sala/Oficina de pintura e artesanato	65m ²	55m ²
Exposição temporária	170m ²	187m ²
Exposição permanente	150m ²	130m ²
Acervo	30m ²	30m ²
Depósito	25m ²	18m ²
Anfiteatro	300m ²	330m ²
Restauração/Catálogo	30m ²	25
Banheiro masculino	23m ²	19m ²
Banheiro feminino	23m ²	19m ²
Área de convivência	250m ²	300m ²



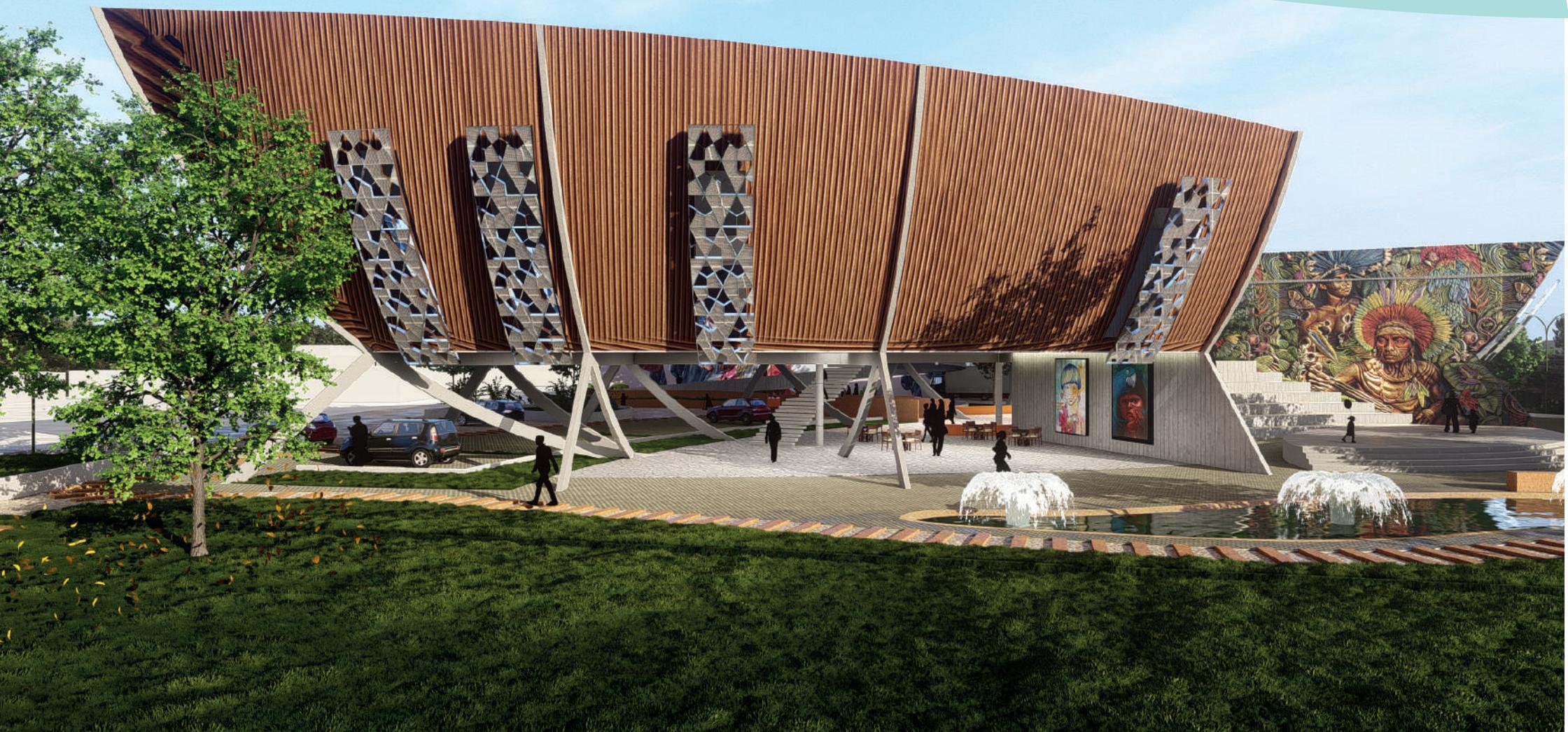
Térreo e implantação
Esc. 1:500

Rua Antônio Maia



Cobertura e implantação
Esc. 1:500

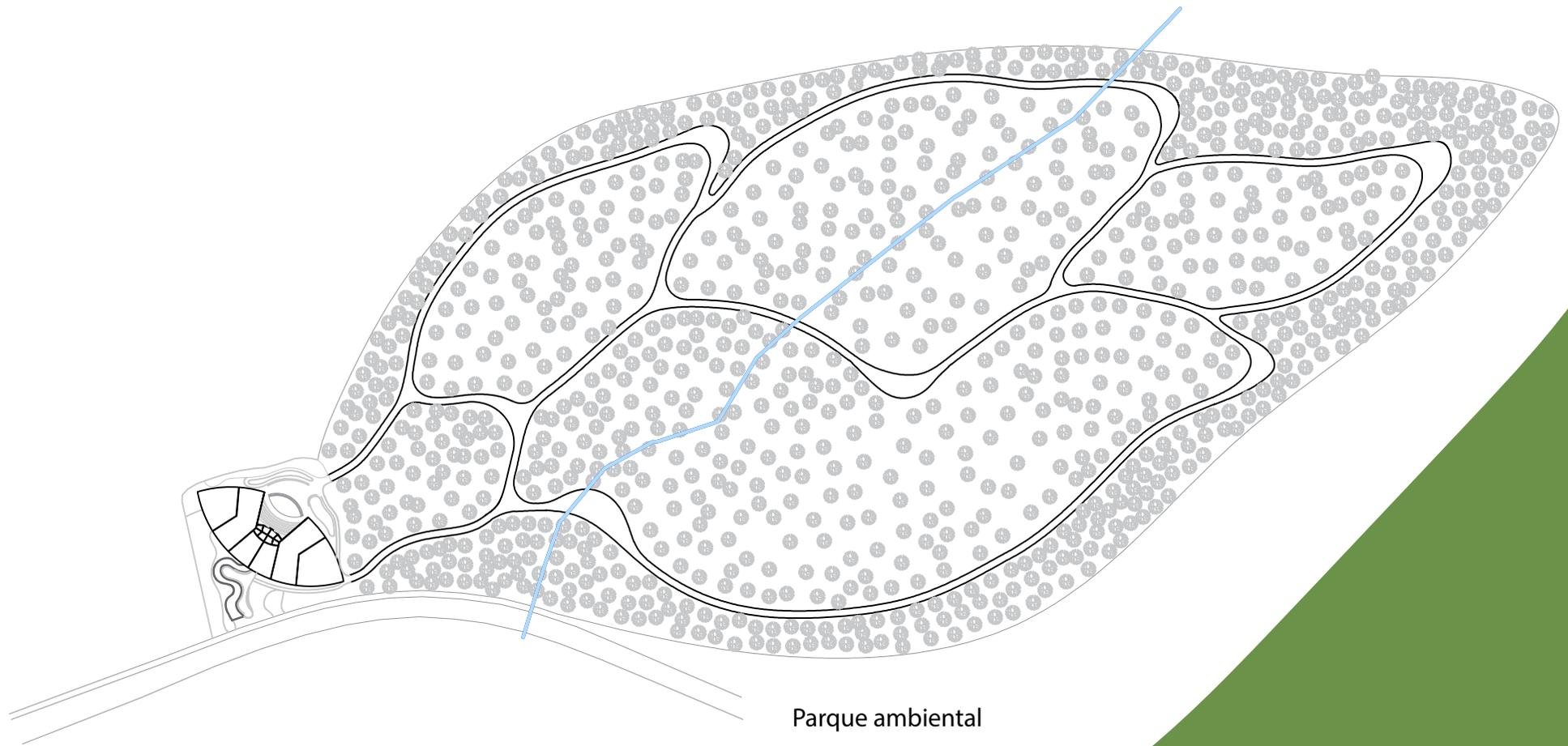
Rua Antônio Maia



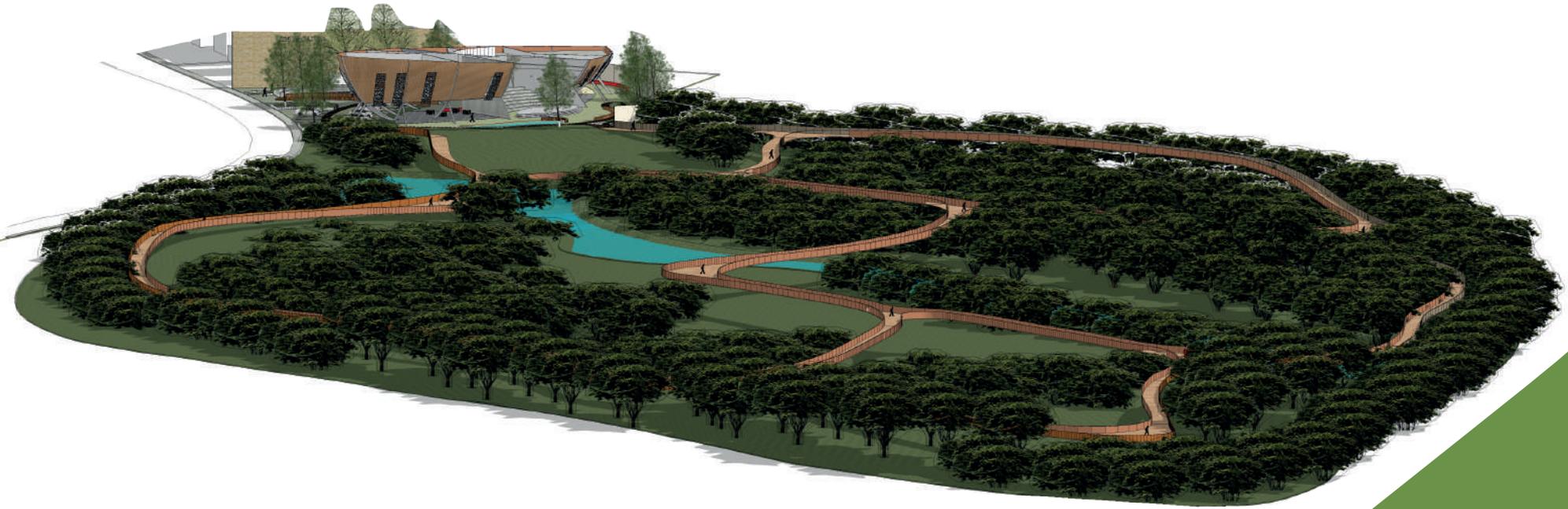








Parque ambiental













REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

TRINDADE JR., S.-C. C.; SANTOS, E. R. C.; RAVENA, N. A cidade e o rio: espaço e tempo na orla fluvial de Belém. In: TRINDADE JR., S.-C. C.; SILVA, M. A. P. (Org.). Belém: a cidade e o rio na Amazônia. Belém: Edufpa, 2005. p. 12-43.

Raiol, José de Andrade. (org.). (2010). Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Marabá. Belém: PNUMA/UN-Habitat

CORRÊA, R. L. O espaço urbano. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

SANTOS, José Luiz. O que é cultura?. 16ª edição. São Paulo: Editora brasiliense, 1996.

BRUNI, José Carlos. A água e a vida. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 53-65, 1993 (editado em nov. 1994).